

Beatriz Vicente da Silva

**O Efeito da Ativação Sexual na Tomada de Perspetiva em Situações de Coerção Sexual
Subtil**



Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
2023

Beatriz Vicente da Silva

**O Efeito da Ativação Sexual na Tomada de Perspetiva em Situações de Coerção Sexual
Subtil**

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde
Trabalho efetuado sob a orientação de:
Professora Doutora Alexandra Isabel Cabral da Silva Gomes



Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2023

**O Efeito da Ativação Sexual na Tomada de Perspetiva em Situações de Coerção Sexual
Subtil**

Declaração de Autoria do Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura da Discente

Beatriz Vicente da Silva

Copyright © 2023, Beatriz Vicente da Silva

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja alvo de dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Desejo expressar minha gratidão a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho e estiveram presentes ao longo da minha jornada acadêmica.

Em particular, quero iniciar meus agradecimentos à Professora Doutora Alexandra Gomes, cuja constante prontidão e generosidade se destacaram, oferecendo disponibilidade e atenção em todos os momentos cruciais deste processo.

Não posso deixar de mencionar minha mãe e o Alexandre, cujo apoio foi fundamental para minha experiência de transição para um novo país a fim de estudar Psicologia.

Aos meus amigos e ao Ian, agradeço pela paciência diante dos obstáculos que surgiram ao longo do percurso, bem como por sempre manterem a crença na possibilidade de concluir essa etapa.

Uma menção especial vai para meus colegas da Licenciatura, que, embora a maioria não tenha estado presente fisicamente durante o Mestrado (exceto pelo João), tiveram um papel significativo em meu crescimento pessoal e acadêmico.

Aos professores, que contribuíram para a construção do meu conhecimento e a ampliação de minha perspectiva de mundo.

Por fim, expresso minha gratidão aos participantes do estudo, cuja colaboração foi imprescindível para a conclusão bem-sucedida desta etapa.

Resumo

O objetivo principal do presente estudo foi avaliar o efeito da ativação sexual na compreensão e interpretação de situações de coerção sexual subtil. A hipótese proposta foi que a ativação sexual dificulta a leitura das pistas referentes ao consentimento sexual e consequentemente impacte a tomada de perspectiva do outro e a interpretação dos seus desejos, favorecendo a persistência de comportamentos coercivos subtis. A metodologia foi transversal, com design quasi-experimental. Foram avaliados 61 participantes, divididos entre Grupo de Controlo (N = 30) e Grupo Experimental (N = 31), entre 18 e 45 anos, falantes de português e em relacionamentos. Excluíram-se participantes com histórico de doença psiquiátrica ou neurológica grave. A recolha de dados foi feita por meio de amostragem por conveniência, através da plataforma *PsyToolkit*. Manipulou-se a ativação sexual através de um *priming* de áudio, cuja eficácia foi avaliada através das respostas dos participantes. Criou-se uma história de coerção sexual subtil para avaliar a capacidade dos participantes de interpretar pistas contextuais, após a exposição ao *priming*. Os grupos podem ser considerados estatisticamente iguais relativamente às possíveis covariáveis em estudo (IRI, RMET e CTS). Uma ANOVA Fatorial constatou que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas variáveis da história. Refutou-se, então, a hipótese proposta, não sendo possível afirmar que a ativação sexual afeta significativamente a tomada de perspectiva e a interpretação de pistas contextuais em situações de coerção sexual subtil. Contudo, o Grupo de Controlo apresenta médias superiores nas três variáveis relacionadas à história. Acredita-se que, sobretudo, problemas metodológicos possam ter colaborado para este resultado, como o facto do estudo ter sido realizado *online* e a construção dos instrumentos carecer de análises mais elaboradas. Recomenda-se repetir este estudo no futuro, a fim de ultrapassar os obstáculos metodológicos e dar sequência à investigação da alta prevalência da coerção sexual subtil.

Palavras-chave: coerção sexual, tomada de perspectiva, ativação sexual, *priming*.

Abstract

The aim of this study was to evaluate the effect of sexual activation on the understanding and interpretation of situations of subtle sexual coercion. The proposed hypothesis was that sexual activation makes it difficult to read the clues regarding sexual consent and consequently impacts the other person's perspective-taking and interpretation of their desires, thus favoring the persistence of subtle coercive behaviors. The methodology was cross-sectional, with a quasi-experimental design. A total of 61 participants were assessed, divided into the Control Group (N = 30) and the Experimental Group (N = 31), aged between 18 and 45, portuguese speakers and in relationships. Participants with history of severe psychiatric or neurological illness were excluded. Data was collected by convenience sampling using the PsyToolkit platform. Sexual activation was manipulated through audio priming, and its effectiveness was evaluated through participants responses. A story of subtle sexual coercion was created to assess the participants' ability to interpret contextual clues after exposure to priming. The groups can be considered statistically equal regarding to the possible covariates under study (IRI, RMET and CTS). A factorial ANOVA found that there were no statistically significant differences between the groups in the history variables. The proposed hypothesis was therefore refuted, and it was not possible to state that sexual activation significantly affects perspective-taking and the interpretation of contextual clues in situations of subtle sexual coercion. However, the Control Group showed higher averages in the three history-related variables. It is believed that methodological problems may have contributed to this result, such as the fact that the study was carried out online and the construction of the instruments lacked more elaborate analysis. It is recommended to repeat this study in the future in order to overcome the methodological obstacles and continue the investigation into the high prevalence of subtle sexual coercion.

Keywords: sexual coercion, perspective-taking, sexual activation, priming.

Índice

1. Introdução.....	1
1.1. A Coerção Sexual	1
1.2. A Teoria da Mente (ToM) e a Tomada de Perspetiva	5
1.3. A Influência das Emoções na Tomada de Perspetiva	6
1.4. O Presente Estudo	7
2. Objetivo e Hipóteses	8
3. Metodologia	8
3.1. Tipo de Estudo	8
3.2. Participantes.....	9
3.3. Instrumentos	10
3.3.1. Dados Sociodemográficos.....	10
3.3.2. Reading The Mind in The Eyes Test (RMET).....	10
3.3.3. Coerção Sexual.....	11
3.3.4. Índice de Reactividade Interpessoal (IRI).....	11
3.3.5. Manipulação da Ativação Sexual.....	12
3.3.6. Avaliação de Situações de Coerção Sexual Subtil.....	13
3.3.7. Manipulation Check e Debriefing.....	16
3.4. Procedimento de Recolha e Análise de Dados	16
4. Resultados	17
5. Discussão.....	22
6. Referências Bibliográficas	28

Índice de Figuras

Figura 1.1 - Esquema Explicativo da Ocorrência da Coerção Sexual Subtil.....	7
Figura 3.1 - Gráfico da Distribuição da Variável “Total História” por Participante.....	14
Figura 4.1 - Gráfico de Médias do GC e do GE para a Variável “Total Compreensão”	18
Figura 4.2 - Gráfico de Médias do GC e do GE para a Variável “Total Raciocínio Explícito”.....	18
Figura 4.3 - Gráfico de Médias do GC e do GE para a Variável “Total História”	19

Índice de Tabelas

Tabela 4.1 - Resíduos Padronizados da Questão 2.....	20
Tabela 4.2 - Resíduos Padronizados da Questão 12.....	20
Tabela 4.3 - Resíduos Padronizados da Questão 7.....	21
Tabela 4.4 - Resíduos Padronizados da Questão 10.....	21

Índice de Anexos

Anexo A - Informação de Requisitos de Privacidade de Dados	33
Anexo B - Consentimento Informado	35
Anexo C - Questionário Sociodemográfico	36
Anexo D - <i>Priming</i> – Ativação Sexual.....	38
Anexo E - Leitura e Interpretação da história “Cenas de um relacionamento”	39
Anexo F - <i>Manipulation Check e Debriefing</i>	44

Lista de Abreviaturas

CTS – Táticas de Conflito Revisadas

DP – Desconforto Pessoal (IRI)

DP – Desvio Padrão

F – Fantasia (IRI)

GC – Grupo de Controlo

GE – Grupo Experimental

gl - Graus de Liberdade

IRI – Índice de Reatividade Pessoal

M – Média

N – Número de Sujeitos

p - Significância Estatística

PE – Preocupação Empática (IRI)

RMET – *Reading The Mind In The Eyes Test*

SNA – Sistema Nervoso Autónomo

t, Z, F – Estatísticas de Teste

ToM - Teoria da Mente

TP – Tomada de Perspetiva (IRI)

O Efeito da Ativação Sexual na Tomada de Perspetiva em situações de Coerção Sexual Subtil

1. Introdução

1.1. A Coerção Sexual

A coerção sexual é um fenómeno altamente prevalente, sendo possível estimar que cerca de 33% das mulheres e 10% dos homens já tenham sido vítimas de coerção (Koss et al., 1987; Krebs et al., 2007). A vitimização pode ter um impacto muito negativo a nível da saúde mental, revelando-se através da ansiedade, depressão, insónia, uso de álcool e maior risco de suicídio (Rai & Rai, 2020). No entanto, apesar da literatura apontar para a existência de predisposições que favorecem a perpetração, como por exemplo, a aceitação de mitos acerca da violação, atitudes contraditórias em relação a relacionamentos interpessoais, a busca por risco (Bouffard et al., 2016), e experiências anteriores de violência (Tharp et al., 2012), ainda não é possível explicar totalmente este fenómeno.

A definição da coerção sexual é controversa (Enosh, 2007). Farris et al. (2008) elucidam que uma das razões possíveis da dificuldade em definir a coerção sexual é o facto de trajetórias diferentes poderem levar ao mesmo resultado: a violência sexual.

As definições usualmente encontradas descrevem a ocorrência da coerção em situações que vão de beijos e carícias não desejadas, até à relação sexual não desejada (Banyard et al., 2007) e com os termos “coerção sexual” e “agressão sexual” utilizados de forma intercambiável (Pugh & Becker, 2018).

Adam-Curtis e Forbes (2004) integraram na definição de coerção a natureza contextual, objetivando-a como “qualquer situação em que uma parte usa meios verbais ou físicos (incluindo administração de drogas ou álcool para o outro com ou sem o seu consentimento) para obter atividade sexual contra o consentimento dado livremente” (p. 99).

Então, torna-se necessário, compreender o que é o consentimento e a sua relevância neste tópico. Pode-se definir o consentimento sexual como a “vontade de se envolver em um determinado comportamento sexual com uma pessoa particular dentro de um contexto particular” (Willis et al., 2019a, p. 1723).

Segundo Jozkowski et al. (2021) o consentimento sexual é complexo e contextual. Ou seja, durante o envolvimento sexual, há variação na disposição das pessoas de se envolverem no ato sexual, mesmo em encontros sexuais consensuais (Jozkowski et al., 2014b). Sendo assim, o consentimento pode variar de acordo com o tipo de comportamento sexual (Willis et

al., 2019b), podendo manifestar-se em relação a determinado ato (e.g. beijo), mas não necessariamente em relação a outro (e.g. penetração).

Neste sentido, é possível concluir que o consentimento sexual é um processo contínuo, e a complexidade deste fenómeno assenta no fato de que a forma de expressão deste não se reflete apenas na verbalização de “sim” ou “não” (Jozkowski et al., 2014a).

Os dois tipos mais presentes na literatura são o consentimento interno, que descreve “sentimentos internos de vontade que informam a decisão de se envolver numa atividade sexual” (Jozkowski et al., 2021) e o consentimento externo, que inclui a expressão verbal ou comportamental da vontade de se envolver em atividade sexual. Por definição, o consentimento sexual é sobretudo uma experiência interna (Peterson & Muehlenhard, 2007). Porém, não é possível conceptualizá-lo apenas como interno (Jozkowski et al., 2014a), uma vez que o conhecimento dos sentimentos alheios durante o envolvimento sexual requer a comunicação destes por parte de quem os experiencia.

A comunicação ativa do consentimento é diversa e reflete qualquer atitude tomada pelo sujeito para demonstrar o seu desejo de se envolver naquela atividade sexual (Willis et al., 2021). As pistas podem ser verbais, explícitas ou implícitas, ou não verbais, que também podem ser explícitas ou implícitas (Jozkowski et al., 2019). Além disso, a forma de comunicar o consentimento varia tanto entre as pessoas, como dentro das pessoas, podendo um mesmo sujeito manifestar o consentimento de maneiras diferentes, em diferentes momentos (Willis & Jozkowski, 2019a).

Outro ponto importante relativamente a este tópico é que o consentimento deve ser dado livremente, o que significa que não é porque houve uma declaração de acordo que haja consentimento (Adam-Curtis & Forbes, 2004). Assim, se o consentimento for dado após insistências, súplicas, ou ameaças, não se pode considerá-lo livre, por mais que haja uma declaração de concordância. Por outro lado, se o indivíduo consente de forma livre e voluntária com o ato sexual, mesmo que não deseje se envolver, não se pode dizer que este foi vítima de coerção sexual subtil, sendo o termo adequado para estes casos “conformidade sexual” (*sexual compliance*) (O’Sullivan & Allgeier, 1998). Por conta da subtileza de determinadas estratégias de coerção sexual, que serão posteriormente explicadas, torna-se difícil distinguir entre os dois processos, uma vez que a pressão exercida pelo perpetrador pode não ser percebida pela vítima, fazendo esta acreditar que consentiu livremente com o ato sexual, quando na verdade, foi coagida de forma subtil (Karantzas et al., 2016).

Apesar das mulheres serem estatisticamente as maiores vítimas da coerção (Smith et al. 2017), elas não são as únicas, como revelam alguns estudos (Miller et al., 2021; Platt & Busby,

2009). Ainda assim, é muito mais comum haver incidentes coercivos cometidos por homens, contra mulheres (Koss et al., 1987).

No entanto, os papéis não se restringem exclusivamente ao de perpetrador ou de vítima, tendo sido demonstrado por Enosh (2007) a existência de uma sobreposição. Os resultados deste estudo indicaram que a violência bidirecional é o melhor preditor da vitimização, o que revelou que as vítimas também coagem sexualmente, assim como os perpetradores também são vítimas.

Ao coagir sexualmente, é possível observar o uso de diferentes estratégias do perpetrador, com o fim de satisfazer a sua vontade de engajar-se na atividade sexual. As dimensões podem ser divididas em coerção psicológica, coerção física (envolve o uso de força) e coerção por álcool ou drogas (Glowacz et al., 2018). Pode haver também, a tentativa de excitar o parceiro com o toque ou com elogios (Pugh & Becker, 2018).

Apesar da literatura ainda não ter feito uma distinção conceptual acerca dos perpetradores da coerção, alguns estudos atualmente disponíveis (e.g. Garrido-Macías et al., 2020) demonstram que é possível diferenciá-los em perpetradores subtis ou severos, através das táticas utilizadas. O perpetrador severo, utiliza táticas mais graves que incluem a coerção sexual física, por exemplo. Já o perpetrador subtil, utiliza táticas que não implicam a força, como por exemplo a manipulação psicológica e tentativas de excitar sexualmente através do toque físico persistente, com beijos, por exemplo (Struckman-Johnson et al., 2003). Racionalmente, o perpetrador tenta utilizar destas táticas, pois acredita que ao ativar o outro parceiro sexualmente, este passará a consentir com a atividade sexual (Karantzas et al. 2016).

A coerção sexual subtil é de duas a quatro vezes mais prevalente do que as formas mais severas de coerção (Brousseau et al., 2011; O’Leary & Williams, 2006). Isto possivelmente ocorre porque a coerção subtil representa uma forma menos severa de coerção e não é passível de punição legal (DeGue et al., 2010).

É conveniente fazer uma reflexão crítica acerca das estratégias de coerção mais subtis, para compreender que estas não constituem táticas coercivas *per se*, uma vez que, em sua maior parte, são comportamentos comuns do cotidiano do casal. O que torna possível rotular estes comportamentos como atos coercivos é a persistência do parceiro que iniciou a tentativa sexual, frente à não manifestação de consentimento do parceiro recetor (Enosh, 2007).

Assim, a leitura do consentimento em muitas situações depende, em grande parte, da interpretação das pistas que informam o parceiro se determinada ação é consentida ou não. Farris et al. (2006) mostram que a má interpretação da intenção sexual do parceiro recetor pode levar a falhas em detetar que o mesmo não está interessado em uma relação sexual.

Newstrom et al. (2021) verificaram que, na maioria das vezes, os comportamentos alheios percebidos como indicadores de consentimento tanto para homens quanto mulheres, são aqueles que eles mesmos usariam para demonstrar consentimento ao outro. No entanto, o estudo também verificou que as pistas de consentimento Verbal Indireto, por exemplo, foram interpretadas como maiores indicadores de consentimento quando usadas pelos outros, do que quando usadas pelas próprias pessoas. Ou seja, embora as pessoas não acreditem que as suas próprias pistas de consentimento Verbal Indireto sejam indicativas de consentimento, elas percebem as mesmas pistas vindas do parceiro como uma demonstração do consentimento alheio (p. 461).

Além disso, Willis et al. (2019b) verificaram que era menos provável que indivíduos em um relacionamento confiassem nas pistas de comunicação e mais prováveis de usarem o conhecimento tácito ou não fazerem nada em resposta às pistas de consentimento dos parceiros para indicar que eles estariam interessados em fazer sexo (p. 456).

Quando são utilizadas táticas subtis de coerção existem problemas específicos em causa. Edwards et al. (2012) verificaram que mulheres que sofreram formas mais subtis de coerção sexual tem maior probabilidade de continuar na relação, do que aquelas que experimentaram coerção sexual física. Uma das explicações para esta situação é a atribuição da responsabilidade pela ação, que recai sobre a vítima (Weiss, 2009). Isto só é possível, por conta da complexidade existente na coerção subtil que, muitas vezes, é percebida como menos negativa do que a coerção que usa a força física (Capezza & Arriaga, 2008). Além disso, este tipo de coerção é pouco estudado (Livingston et al., 2004), provavelmente por conta desta coerção ser menos visível e da sua percepção ser ambígua (Garrido-Macías et al., 2020). Nestes casos, a dificuldade na interpretação das pistas relacionadas ao consentimento pode estar em causa.

Por conta disso, este estudo terá como foco os perpetradores da coerção subtil, sendo estes diferenciados através das táticas utilizadas. Além dos motivos supracitados, a escolha de investigar este tipo de coerção também assenta no facto de que estas manifestações mais subtis parecem estar na origem da elevada prevalência da coerção sexual, junto à sobreposição entre as situações de vitimização e perpetração (Enosh, 2007), que também contribuem para este número. Acredita-se que este tipo de coerção ocorra por uma má interpretação das pistas do parceiro, tendo em conta a complexidade da expressão de consentimento previamente discutida.

1.2. A Teoria da Mente (ToM) e a Tomada de Perspetiva

A ToM tem sido utilizada para definir uma série de processos cognitivos complexos que permitem que os indivíduos consigam deduzir os estados cognitivos e emocionais de outros sujeitos e, assim, antecipar e interpretar os seus comportamentos (Duval et al., 2011). Trata-se de um constructo multidimensional, sendo composta por uma componente cognitiva e uma componente afetiva (Shamay-tsoory et al., 2010). A componente cognitiva refere-se à habilidade humana de fazer inferências acerca das crenças e das intenções dos outros, enquanto a componente afetiva, pode ser descrita como a capacidade de inferir acerca das emoções alheias (Karoğlu et al., 2021; Shamay-tsoory et al., 2010).

A Teoria da Mente será o mecanismo sociocognitivo que está na base da compreensão da tomada de perspetiva do outro e, também, da avaliação do que este outro está a pensar e sentir no momento da interação de natureza sexual. Pressupomos que esta avaliação, por sua vez, permitirá ao indivíduo decidir continuar com as investidas sexuais, ou não.

A ToM parece complexificar-se ao longo da vida, aprimorando-se conforme o indivíduo se desenvolve (Barnes-Holmes et al., 2004). Karoğlu et al. (2021) afirmam haver uma ToM de primeira ordem, segunda ordem e ToM avançado.

É possível verificar défices na ToM em diversas perturbações, como no espectro autista (Turner & Felisberti, 2017) e em indivíduos com lesão cerebral (Shamay-Tsoory & Aharon-Peretz, 2007). Contudo, mesmo os indivíduos saudáveis não a desenvolvem em níveis equivalentes (Epley & Caruso, 2008). Ou seja, nem todas as pessoas terão a mesma tomada de perspetiva do outro, por exemplo. Ward et al. (2000) propuseram que os indivíduos que cometem ofensas sexuais falharam no desenvolvimento de uma ToM adequada, conduzindo-os a um processamento enviesado ou distorcido do próprio estado mental e do estado mental dos outros. Já Karoğlu et al. (2021) verificaram que os ofensores sexuais podem possuir problemas na ToM avançada, como dificuldades em compreender diversos estados mentais como a pretensão e a ironia.

No entanto, os resultados dos estudos supracitados aplicam-se apenas aos casos de coerção sexual severa, onde um défice nas componentes da ToM resulta em consequências mais disfuncionais para o indivíduo. Já no caso da coerção sexual subtil, a tomada de perspetiva do outro é prejudicada por algum processo não decorrente de um défice na ToM, como uma emoção, por exemplo.

1.3. A Influência das Emoções na Tomada de Perspetiva

Alguns estudos demonstram que existem aspetos que podem modificar a interpretação de uma situação social, por afetarem de alguma forma a ToM e, mais especificamente, a Tomada de Perspetiva. Conforme dito anteriormente, um destes fatores podem ser as emoções.

Foi verificado, por exemplo, que a ansiedade incidental pode aumentar o egocentrismo ao intuir o que as pessoas veem e sabem (Todd et al., 2015) e que a raiva parece reduzir a tomada de perspetiva do outro (Yip & Schweitzer, 2021). Já um estudo de Binyamin-Suissa et al. (2019) demonstrou que existe uma interação significativa entre a tomada de perspetiva e as emoções de tristeza e repulsa. Emoções como a felicidade também diminuem a tomada de perspetiva do outro, pois o indivíduo passa a processar informação superficial e a vivência desta emoção distrai as pessoas de fazerem inferências sobre as perspetivas alheias (Todd et al., 2015).

Ariely e Loewenstein (2006) demonstraram que a ativação sexual também exerce forte impacto no julgamento e na tomada de decisão das pessoas. Os resultados do estudo mostraram que o aumento da motivação para ter sexo, que foi produzido pela ativação sexual, pareceu diminuir a importância de questões relacionadas a comportamentos éticos dirigidos a um eventual parceiro sexual ou mesmo à proteção contra Infecções Sexualmente Transmissíveis. A excitação sexual pareceu estreitar o foco dos participantes do estudo, onde a motivação para ter sexo tornou-se superior aos objetivos divergentes da realização sexual (Blanton & Gerrard, 1997 citados por Ariely & Loewenstein, 2006).

Everaerd et al. (2006) afirmam que, embora seja difícil precisar, a experiência emocional pode ser refletida através de vocalizações, contrações musculares, respostas do Sistema Nervoso Autónomo (SNA) e posturas físicas, por exemplo. Assim, os autores afirmam que a ativação sexual tem componentes e características que permitem comparar a sua expressão a qualquer experiência emocional.

Ao analisar a situação de coerção, a ativação sexual está, de forma indubitável, presente em pelo menos um dos parceiros envolvidos. Portanto, dentre outras possíveis emoções existentes na situação de coerção, acredita-se que a ativação sexual possivelmente seja a mais relevante.

Por conta disso, esta emoção pode estar a afetar a ocorrência da leitura das pistas fornecidas pelo parceiro recetor, dificultando uma tomada de perspetiva sobre o desejo, motivação e consentimento sexual do outro e levando a comportamentos de coerção sexual subtis, porém persistentes. Além da influência da própria ativação sexual, Todd et al. (2015)

salientam que o egocentrismo pode afetar o processo de raciocínio do estado mental e que este tende a ser maior com pessoas próximas, como parceiros românticos (Savitsky et al. 2011).

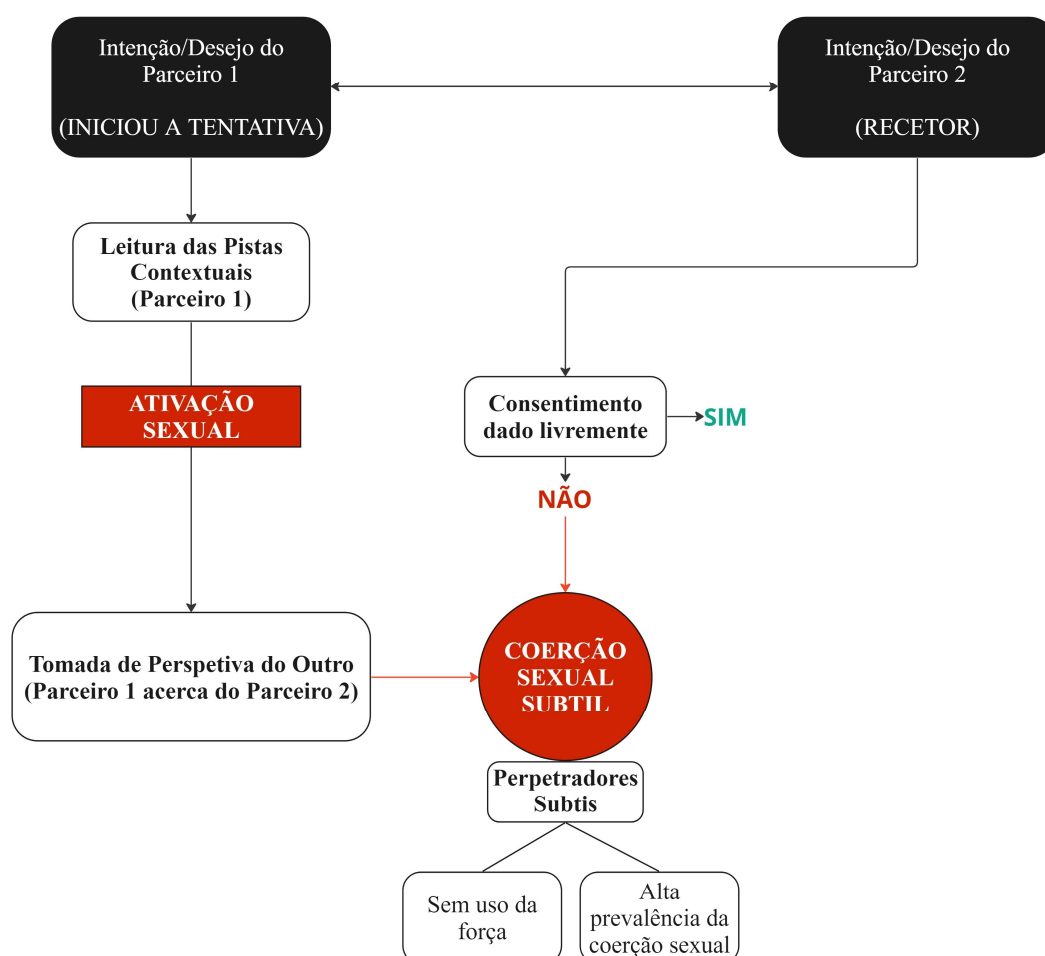
1.4. O Presente Estudo

A partir das evidências teóricas citadas anteriormente, o interesse do presente estudo reside na tentativa de compreender como a ativação sexual, que parece estar presente na situação de envolvimento sexual, pode influenciar na persistência de comportamentos coercivos entre casais. Este interesse integra um objetivo maior de investigar o que está na base do comportamento de coerção, colaborando para a definição do fenômeno, que ainda parece controversa na literatura.

Para tanto, foi elaborado um esquema explicativo (Figura 1.1), que permite compreender o processo proposto.

Figura 1.1

Esquema Explicativo da Ocorrência da Coerção Sexual Subtil



A figura apresenta um esquema explicativo, a fim de facilitar a compreensão da hipótese teórica do estudo. Assim, pode-se observar que existem diferentes intenções ou desejos associados ao Parceiro 1 e ao Parceiro 2. O Parceiro 1 seria aquele que iniciou a tentativa sexual, enquanto o Parceiro 2 é o que se pode denominar como “recetor”.

Para compreender se existe ou não o fenómeno da Coerção Sexual Subtil, é necessário olhar para o consentimento livre dado pelo Parceiro 2 (recetor) ao Parceiro 1. Uma vez que não exista esse consentimento, confirma-se a coerção sexual.

Tendo esta confirmação, pode-se dar sequência à compreensão da hipótese proposta pelo estudo. Ao olhar para o parceiro que iniciou a tentativa (Parceiro 1), pode-se entender que existem pistas contextuais que estão presentes no envolvimento sexual e que caracterizam todo o conjunto de comportamentos que este parceiro percebe como indicativos de que o outro deseja engajar-se em uma atividade sexual. Propõe-se que a análise destas pistas estaria perturbada pela ativação sexual que, por sua vez, leva o Parceiro 1 a não tomar a perspectiva do outro de forma correta, acreditando que o Parceiro 2 deseja ter contacto sexual, quando este, na verdade, não quer. Esta Tomada de Perspetiva incorreta faz com que se chegue, novamente, ao fenómeno da Coerção Sexual Subtil, colaborando para que ela aconteça e persista, e também propiciando uma das explicações para o grande número de perpetradores subteis.

2. Objetivo e Hipóteses

O presente estudo tem como objetivo principal avaliar o efeito da ativação sexual na compreensão e interpretação de situações de coerção sexual subtil.

É nossa hipótese que a ativação sexual dificulta a leitura das pistas referentes ao consentimento sexual e conseqüentemente impacte a tomada de perspectiva do outro e a interpretação dos seus desejos, favorecendo a persistência de comportamentos coercivos subteis.

3. Metodologia

3.1. Tipo de Estudo

O estudo é transversal, com um *design* quasi-experimental, com medição somente após, com grupo de controlo.

O estudo em questão não pode ser caracterizado como experimental verdadeiro, pois não é capaz de cumprir todos os requisitos necessários para tal, sendo estes a randomização, o controle e a manipulação (Moreira et al., 2021). O facto de o estudo trabalhar com características individuais, coloca em causa a equivalência destas características antes da

manipulação, assim como o tipo de amostragem não garante completamente a aleatoriedade. Tais fatores fazem com que o estudo seja considerado quasi-experimental.

3.2. Participantes

Os participantes do estudo foram contatados através de diversos meios, tanto de forma presencial, como *online* (e.g. *Facebook*, grupos de *Whatsapp*, etc). Presencialmente, foram inquiridas 65 pessoas, das quais apenas 20 cumpriam o requisito de estar em um relacionamento e puderam participar do estudo. No caso das pessoas que souberam do estudo através da internet, já havia a possibilidade de selecionar apenas aqueles que estavam em um relacionamento, através das instruções na mensagem de divulgação, não havendo a necessidade de uma exclusão prévia.

Assim, obteve-se uma amostra inicial de 142 pessoas que responderam ao protocolo. Foram excluídos aqueles que deixaram de responder questões ou que tinham relato de perturbação psiquiátrica, psicológica ou doença neurológica grave, uma vez que estes fatores podem interferir na ToM (Shamay-Tsoory & Aharon-Peretz, 2007).

A pontuação bruta de acertos do RMET foi convertida para percentagens e, os participantes localizados abaixo do segundo quartil ($N = 1$) foram excluídos da amostra.

Em relação à CTS, o critério de exclusão adotado levou em conta a utilização de estratégias severas de coerção sexual, uma vez que o interesse do presente estudo está centrado na coerção sutil. No entanto, nenhum participante apresentou índices de coerção sexual severa e, por este motivo, não foi necessária a exclusão de nenhum sujeito da amostra.

De todas as exclusões aplicadas, resultou uma amostra final composta por 61 participantes, sendo 30 participantes do Grupo de Controlo (GC) e 31 do Grupo Experimental (GE), com idades entre os 18 e os 45 anos, falantes de português e que estão num relacionamento, uma vez que táticas mais subtis de coerção sexual têm alta prevalência em relacionamentos íntimos (Garrido-Macías et al., 2020).

No que diz respeito ao sexo, a distribuição total foi de 39 mulheres ($N_{GC} = 18$, $N_{GE} = 21$) e 22 homens ($N_{GC} = 12$, $N_{GE} = 10$). Pode-se dizer que não há diferenças significativas entre os grupos no que diz respeito a esta distribuição ($\chi^2_{(1, 61)} = 0.621$, $p = .529$).

Também não foram encontradas diferenças significativas em relação à idade ($t_{(55, 61)} = -0.14$, $p = .886$) entre o GC ($M = 26.69$, $DP = 6.20$) e o GE ($M = 26.96$, $DP = 8.12$).

Foram recolhidos dados de sujeitos de duas nacionalidades distintas, sendo estes portugueses ($N = 35$) e brasileiros ($N = 26$). Neste sentido, também não há diferenças significativas entre os grupos ($\chi^2_{(1, 61)} = 1.314$, $p = .252$).

No que concerne ao estado civil, 44 pessoas relataram estar em um relacionamento estável e 17, em união de facto, não havendo diferenças significativas entre os grupos ($\chi^2_{(2, 61)} = 0.613, p = .736$).

A média de escolaridade dos sujeitos do GC ($M = 13.31, DP = 4.18$) foi ligeiramente superior à média do GE ($M = 13.13, DP = 3.39$), porém esta diferença não é significativa ($t_{(57, 61)} = 0.18, p = .859$).

Já com relação à duração da relação (anos), os sujeitos do GC apresentaram média inferior ($M = 3.92, DP = 4.47$) à média do GE ($M = 6.10, DP = 5.54$), mas estas diferenças também não podem ser consideradas estatisticamente significativas ($t_{(59, 61)} = -1.69, p = .097$).

Após verificar estes parâmetros, assumiu-se que os dois grupos eram estatisticamente equivalentes e deu-se início à realização dos testes relativos às hipóteses em estudo.

3.3. Instrumentos

No presente estudo, foram utilizados os instrumentos descritos a seguir. É importante ressaltar que, no que concerne aos instrumentos que foram desenvolvidos especialmente para o estudo, nomeadamente o *priming* de Ativação Sexual e a história que avalia as Situações de Coerção Sexual Subtil, estes foram previamente testados com uma amostra de 10 sujeitos, a fim de verificar se eram adequados ao fim proposto. O procedimento para esta testagem será descrito na secção referente a cada um dos instrumentos citados.

3.3.1. Dados Sociodemográficos

Foram recolhidas informações referentes ao sexo designado ao nascimento, idade, nacionalidade, nível de escolaridade e *status* de relacionamento atual. Foi também questionada história prévia de doença mental ou neurológica, que constituíram fator de exclusão, tendo sido descartados para a amostra final.

3.3.2. Reading The Mind in The Eyes Test (RMET)

O *Reading The Mind in The Eyes Test* (RMET) (Pestana et al., 2018) é um instrumento utilizado para verificar a habilidade de um indivíduo para compreender o estado mental dos outros através de pistas visuais de 36 fotografias da região ocular de homens e mulheres. Para cada um dos itens, os participantes têm quatro opções de estados mentais possíveis, e tem de escolher aquele que pensam ser mais adequado para descrever o que a pessoa da foto está a sentir ou a pensar. A pontuação máxima é de 36 pontos (1 ponto por cada item respondido corretamente) e a pontuação total de cada participante foi contabilizada tendo em conta o número de acertos totais.

O teste é sensível à variação em adultos neurologicamente normais (Giordano et al., 2019) e foi utilizado como forma de controlo em todos os participantes da amostra, para garantir que estes não possuíam algum tipo de défice grave na ToM.

3.3.3. Coerção Sexual

As Táticas de Conflito Revisadas (CTS) compõe um instrumento que visa avaliar as estratégias e táticas utilizadas pelos casais durante conflitos e desentendimentos. Utilizou-se a escala adaptada à população portuguesa (Alexandra & Figueiredo, 2006) para o estudo.

A CTS possui 39 itens, divididos em pares de perguntas para os participantes e seus parceiros, totalizando 78 questões. É possível comparar as respostas dos dois membros da relação e a avaliação das táticas de resolução de conflitos que utilizam, ainda que apenas um dos parceiros seja avaliado. O instrumento inclui a contagem de ocorrências ao longo do último ano, tanto relatadas pelo indivíduo quanto pelo parceiro. Essas ocorrências são categorizadas em oito grupos de resposta distintos. As seis primeiras categorias têm o propósito de determinar a prevalência e a frequência de ocorrências no ano anterior e as duas categorias restantes buscam determinar a presença global de abuso ou a completa ausência desse tipo de comportamento.

Podem ser encontradas as subescalas de Negociação (Emocional e Cognitiva); Agressão Psicológica (Ligeira e Severa); Abuso físico sem sequelas (Ligeiro e Severo); Coerção Sexual (Ligeira e Severa) e Abuso físico com sequelas (Ligeiro e Severo). Contudo, foi utilizada apenas a subescala relacionada à Coerção Sexual, uma vez que este é o interesse do estudo, sendo esta subescala composta por 7 itens, totalizando 14 questões.

Os participantes foram questionados acerca de comportamentos relacionados com a coerção sexual ligeira, como por exemplo, se já fizeram o companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo (coerção ligeira), e severa, como: “Usei a força (e.g. ferindo, detendo, ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse relações sexuais comigo”. Conforme anteriormente citado, também é questionado se os companheiros já obrigaram os participantes a realizarem os atos descritos, o que permite classificar tanto a ocorrência da perpetração da coerção sexual, como da vitimação.

3.3.4. Índice de Reactividade Interpessoal (IRI)

Uma vez que o estudo leva em consideração uma possível perturbação na leitura de pistas do parceiro que inicia a tentativa sexual, em relação ao parceiro recetor, por conta da ativação sexual, e conseqüentemente uma interferência na Tomada de Perspetiva de um parceiro em relação ao outro, foi necessário inserir um instrumento que pudesse verificar o

quão capazes os sujeitos são de tomar a perspectiva do outro em termos de traço, antes da condição causar essa possível interferência.

Neste sentido, optou-se por avaliar este nível de tomada de perspectiva através do Índice de Reatividade Interpessoal (IRI) (Limpo et. al, 2010). Este instrumento é considerado uma das escalas mais utilizadas na medição da empatia e proporciona uma avaliação multidimensional do conceito, medindo-o através das subescalas: Tomada de Perspetiva (TP), Preocupação Empática (PE), Desconforto Pessoal (DP) e Fantasia (F).

A subescala de Tomada de Perspetiva reflete a tendência do indivíduo para adotar os pontos de vista do outro, constituindo-se como a dimensão cognitiva da empatia dentro do instrumento. Esta variável constitui-se como uma covariável dentro do estudo, permitindo garantir que os indivíduos não tomaram a perspectiva do outro por conta da condição, e não porque já não fariam isso naturalmente.

Sendo assim, foram calculadas cada uma das subescalas do IRI, nomeadamente: Tomada de Perspetiva, Preocupação Empática, Desconforto Pessoal e Fantasia. As respostas eram dadas através de uma escala *Likert* de 5 níveis, e a cotação foi feita através da média da soma destes valores, por subescala.

3.3.5. Manipulação da Ativação Sexual

A manipulação da ativação sexual dos sujeitos foi feita através de um *priming*, que consistiu em uma tarefa em áudio. Para garantir máxima atenção dos sujeitos, solicitou-se que respondessem “o que as pessoas do áudio estavam a fazer”. Os participantes foram previamente informados de que o estudo poderia conter estímulos sexuais.

O paradigma de indução da ativação sexual foi construído especialmente para este estudo, tendo sido também testado previamente com uma amostra de 10 sujeitos, a fim de garantir que cumpria o objetivo proposto. Neste teste, os participantes ouviram um clipe de áudio de aproximadamente 3 minutos.

Para a avaliação do áudio foram feitas três afirmações aos participantes, e os mesmos avaliaram cada item através de uma escala *Likert* de 5 pontos (concordância). As afirmações foram “O áudio pode ser considerado sexualmente estimulante” ($M = 3.80$, $DP = 0.92$); “As pessoas ficarão sexualmente estimuladas pelo áudio” ($M = 3.60$, $DP = 0.52$) e “O áudio estimulou-me sexualmente” ($M = 2.70$; $DP = 1.06$). A resposta à afirmação direcionada diretamente ao participante, por regra, apresentou média inferior às duas primeiras afirmações, o que foi interpretado como uma resposta de acordo com a desejabilidade social, ou ainda vergonha do participante em assumir que se sente sexualmente ativado. Uma vez que a média

geral foi superior ao ponto médio da escala ($M = 3.36$), optou-se por validar o *priming* e o estudo deu sequência com o mesmo instrumento.

3.3.6. Avaliação de Situações de Coerção Sexual Subtil

Para verificar a capacidade de ler adequadamente as pistas do outro em uma situação de coerção sexual, foi criada uma história de coerção sexual subtil que refere um conjunto de indicadores comuns a esse tipo de situação, como por exemplo, a capacidade de perceber que uma pessoa possui uma crença incorreta, e ser capaz de identificar estados mentais nas outras pessoas, como piadas, sarcasmo e gafes (Karoğlu et al. 2021; Shamay-Tsoory et al., 2007).

A história em questão foi construída especialmente para este estudo, sendo intitulada “Cenas de um Relacionamento” e teve como base instrumentos de referência semelhantes (e.g. Dodell-Feder et al., 2013). A história tratava de um casal que voltava para casa após sair para comemorar o aniversário de relacionamento e, já em casa, se envolvia sexualmente após um dos parceiros coagir sexualmente o outro.

Solicitou-se aos participantes que respondessem a questões acerca da história, onde se avaliou aspectos como a “Compreensão” da história e o “Raciocínio Explícito sobre o Estado Mental” das personagens, sendo estas duas componentes as dimensões avaliadas pela história. A componente “Compreensão” foi calculada através da soma das pontuações obtidas nos itens 2; 3; 10 e 11 e a componente “Raciocínio Explícito sobre o Estado Mental” foi calculada através da soma das pontuações dos itens 4; 5; 6; 7; 8; 9 e 12. A pontuação total, denominada por “Total da História”, foi calculada através da soma das duas subescalas à pontuação do item 1.

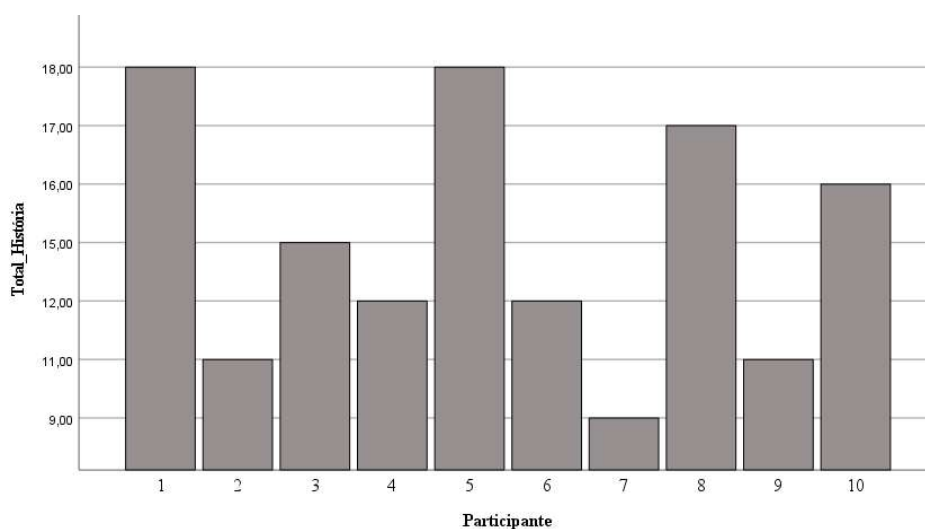
A primeira pergunta pedia para que os participantes resumissem a história em poucas frases e, foi observado se espontaneamente inferiam os estados mentais das personagens. Foi atribuído 1 ou 0, mediante a presença ou a ausência dessa inferência, respetivamente. Após responderem à esta primeira questão, foi dito aos participantes que eles poderiam relatar os pensamentos, sentimentos e intenções das personagens.

Nas questões seguintes, a pontuação variava entre 0 e 2. Foi atribuída a pontuação máxima (2) ao participante que conseguisse compreender a história, ou elaborar um raciocínio explícito acerca do estado mental da personagem em questão. A pontuação “1” foi utilizada nos casos em que se verificava algum tipo de referência à situação da personagem, mas sem a elaboração complexa de seu estado. Por fim, não foram atribuídos pontos aos participantes que não perceberam o estado mental da personagem, que não responderam ou que relataram o contrário do que era esperado, como por exemplo, dizer que a personagem estava “relaxada” quando, na verdade, a mesma estava “aborrecida”. Assim, a pontuação total máxima é de 23 pontos.

A história foi testada previamente ao início da recolha de dados com uma amostra de 10 pessoas, sendo comprovado que era suficientemente capaz de discriminar os sujeitos na identificação das pistas de coerção sexual ($M = 13.90$, $DP = 3.28$). Foi também possível verificar que a correlação entre as componentes “Compreensão” e “Raciocínio Explícito” é positiva e fraca ($r = .34$). No entanto, o valor não é significativo ($p = .331$), o que pode ser devido ao tamanho reduzido da amostra de teste ($N = 10$). As médias totais de cada uns dos participantes deste teste podem ser encontradas na Figura 3.1.

Figura 3.1

Gráfico da Distribuição da Variável “Total História” por Participante



No que diz respeito aos resultados da amostra final, foi verificado que uma das principais questões relacionadas a este instrumento foi a variação na pontuação atribuída por diferentes avaliadores para as respostas dos participantes. Tendo em conta esta possível subjetividade na interpretação, optou-se por fazer a concordância entre as cotações de três avaliadores.

Abaixo apresentam-se os resultados encontrados nas Tabelas de Frequências para cada uma das questões, que revelam quantos participantes foram capazes ou não de identificar corretamente o que era pedido (soma de 1 e 2 pontos); quantos participantes foram capazes de pontuar total e corretamente (2 pontos) e quantos não acertaram o item (0 pontos).

Na Questão 1 (“Em poucas frases, como sumaria a história?”), onde apenas eram contabilizados pontos 0 e 1, 50,82% dos participantes pontuaram 1 e 49,18% pontuaram 0.

Na Questão 2 (“Porque é que Carlos e Joana vão jantar fora?”), 81,69% dos participantes foram capazes de identificar o que era pedido, sendo que destes, 75,41% tiveram a pontuação máxima. A percentagem de participantes que pontuaram 0 foi de 18,03%.

A Questão 3 (“O que sugere à Joana de que o Carlos está sempre a pensar nela?”) revelou que 72,12% dos participantes acertaram a questão e, deste percentual, 16,39% pontuaram 2. Nesta questão, 27,86% dos que responderam obtiveram pontuação 0.

Em relação à Questão 4 (“Como é que Joana se estava a sentir quando chegou a casa?”), nenhum participante acertou completamente a questão. Sendo assim, a percentagem de pontuações 1 foi de 98,36% e a percentagem de pontuações 0 foi de 1,63%.

Na Questão 5 (“Porque é que a Joana toma o comprimido?”) ocorreu a mesma situação da questão anterior, onde nenhum participante obteve a pontuação máxima e a percentagem de pontuações 1 foi de 85,24%. Já os que não pontuaram representaram 14,75%.

A Questão 6 (“Porque é que o Carlos olha desapontado para a Joana?”) demonstrou que 88,52% das pessoas pontuou na questão e, destas, 50,82% fez 2 pontos. Portanto, 11,47% dos participantes não acertaram esta questão.

Já na Questão 7 (“Porque é que Joana diz, "Mas eu não vou lavar o cabelo! Não o quero molhar."?), 78,68% dos participantes acertaram a questão (26,23% pontuaram 2) e 21,31% das pessoas não acertaram a questão.

A Questão 8 (“Porque é que o Carlos sugere fazer uma massagem a Joana?”) teve apenas 4,91% dos participantes a pontuarem 0. Sendo assim, 95,08% dos participantes pontuaram na questão, sendo que destes, 68,85% pontuaram 2.

Na Questão 9 (“Porque é que a Joana vai buscar um copo de água?”), 91,8% dos participantes acertaram a questão, sendo que 40,92% obtiveram 2 pontos. Cerca de 8,19% dos participantes não pontuaram.

A Questão 10 (“O que acontece depois de Carlos dizer “Anda cá, amor”?”) demonstrou que a percentagem de erros foi de 42,62%. Apenas 6,55% dos participantes pontuaram 2, totalizando assim 57,37% de acertos totais.

Na Questão 11 (“Como é que o Carlos está no fim da história?”) 8,19% dos participantes não acertaram a questão. Cerca de 91,80% dos participantes pontuou, sendo 19,67% pontuações totais.

Por fim, a Questão 12 (“Como é que a Joana se sente no fim da história?”) teve 19,67% de pontuações 0 e 80,32% dos participantes pontuaram a questão (24,59% marcaram 2 pontos).

3.3.7. *Manipulation Check e Debriefing*

Foi perguntando aos participantes se foram capazes de entender o objetivo do estudo, e seriam posteriormente excluídos da amostra aqueles que respondessem de forma afirmativa. Contudo, nenhum participante foi excluído. Além disso, foi utilizada uma escala do tipo *Likert* para questionar às pessoas o quão ativas sexualmente se sentiram (Grupo Sexualmente Ativado), conforme supracitado no respectivo instrumento.

Por fim, foi feito o *debriefing* dos participantes, provendo informação acerca dos objetivos e procedimentos do estudo ao qual foram submetidos.

3.4. Procedimento de Recolha e Análise de Dados

Recorreu-se à uma técnica de amostragem não probabilística, por conveniência para selecionar a amostra da população elegível.

A recolha de dados deu-se em dois momentos e foi feita através da plataforma *PsyToolkit* (Stoet, 2010, 2017). A plataforma é gratuita, permitindo programar e recolher dados dos mais diversos tipos de estudos na área da Psicologia.

Desta forma, foram enviados um link e um texto com as orientações para a realização do estudo para cada um dos participantes, que eram aleatoriamente direcionados para um dos grupos.

A primeira parte da recolha de dados teve como objetivo testar a plataforma e verificar a necessidade de possíveis ajustes. Nesta fase, foram recolhidos os dados de 11 participantes, sendo estes 5 participantes do GE e 6 do GC. Uma vez que estes dados foram aproveitados para a recolha final, a caracterização desta amostra estará abrangida no relato dos resultados que será apresentado na secção correspondente, juntamente com os dados provenientes da segunda recolha.

A segunda parte da recolha de dados teve como objetivo recolher amostra suficiente para que pudesse haver um número equivalente de participantes do género feminino e masculino, em ambos os grupos. Desta forma, o objetivo foi recolher dados de, no mínimo, 30 participantes de cada um dos grupos, totalizando 60 pessoas (30 homens e 30 mulheres), com o intuito de possibilitar a utilização de testes paramétricos, que exigem a existência de 30 sujeitos em cada um dos grupos para que o pressuposto da normalidade seja assegurado. No entanto, por conta da aleatoriedade na atribuição dos participantes aos grupos, a caracterização da amostra obtida é diferente do expectável.

Após a recolha, a análise de dados foi realizada através do *software* JASP (2023).

4. Resultados

Procedeu-se a um Teste T para Amostras Independentes para cada uma das possíveis covariáveis em estudo (IRI, RMET e CTS), a fim de verificar se os grupos apresentavam diferenças estatisticamente significativas em relação às médias, o que poderia explicar os resultados, em caso afirmativo.

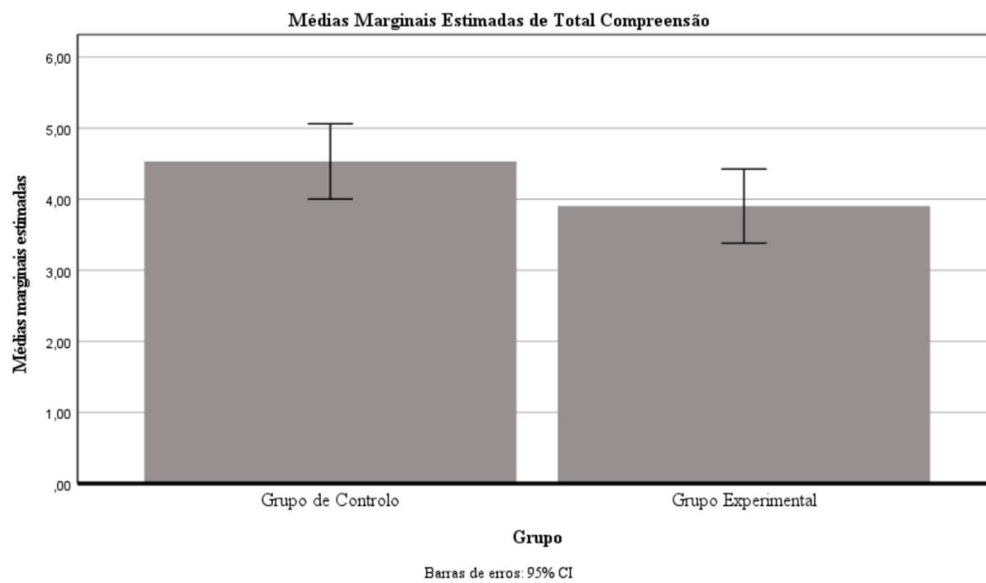
Constatou-se que não há diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas subescalas de Tomada de Perspetiva ($t_{(59,61)} = 0.087, p = .931$), Preocupação Empática ($t_{(59,61)} = -0.162, p = .872$), Desconforto Pessoal ($t_{(59,61)} = -0.629, p = .532$) e Fantasia ($t_{(59,61)} = -0.426, p = .671$) do IRI; no RMET ($t_{(59,61)} = -0.295, p = .769$), na CTS do Participante ($t_{(59,61)} = 0.364, p = .717$) e na CTS do Parceiro ($t_{(59,61)} = 0.976, p = .333$). Assim, os grupos podem ser considerados estatisticamente iguais, o que impossibilita que os resultados sejam explicados por diferenças entre grupos relativamente a estas variáveis.

Recorreu-se então à uma ANOVA Fatorial, tendo como variáveis dependentes os resultados de cada uma das subescalas da história e como fator fixo o grupo, com intervalo de confiança a 95%. Abaixo serão apresentados os resultados relativos às variáveis “Total Compreensão”, que avaliou a Compreensão da história por parte dos sujeitos de cada um dos grupos; da variável “Total Raciocínio Explícito” e da variável “Total da História”.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos na variável “Total Compreensão” ($F_{(1, 61)} = 2.88, p = .095$), sendo que a magnitude do efeito da manipulação da variável independente (ativação sexual) na variável dependente (avaliação das situações de coerção sexual subtil) pode ser considerada moderada ($\eta_p^2 = .046$). No entanto, o GC tem média superior ($M = 4.53, DP = 1.41$) ao GE ($M = 3.90, DP = 1.49$), conforme pode ser observado na Figura 4.1.

Figura 4.1

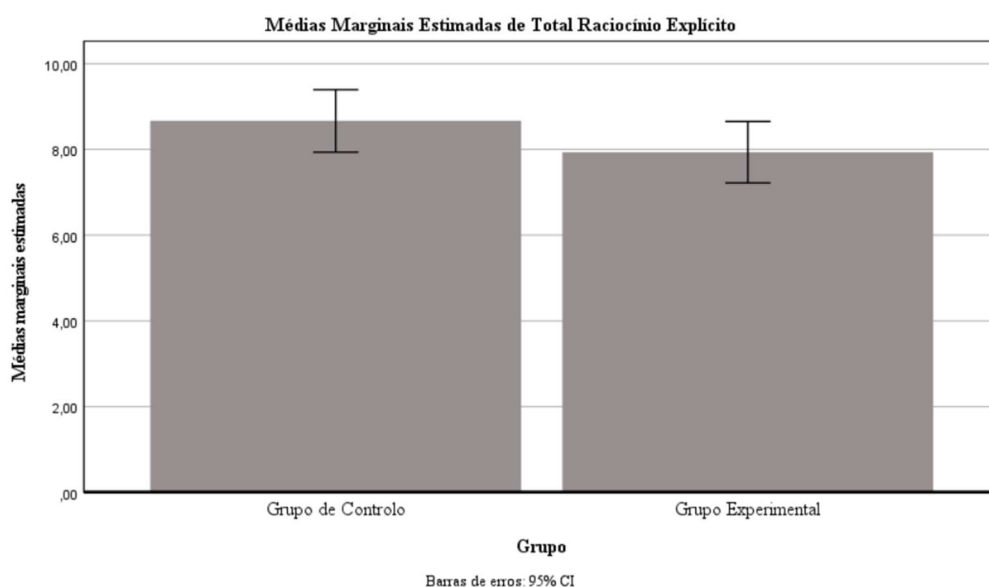
Gráfico de Médias do GC e do GE para a Variável “Total Compreensão”



Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F(1, 61) = 2.05, p = .157$) na variável “Total Raciocínio Explícito”, sendo possível considerar a magnitude do efeito como moderada ($\eta_p^2 = .034$). Da mesma forma, o GC apresenta média superior ($M = 8.67, DP = 1.83$) ao GE ($M = 7.94, DP = 2.14$). A Figura 4.2 apresenta estes valores através de um gráfico.

Figura 4.2

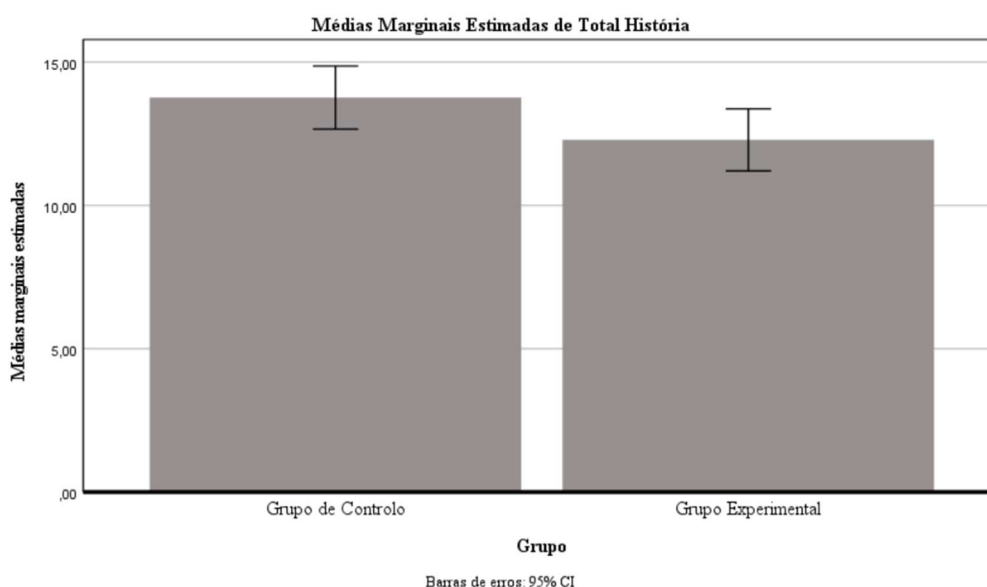
Gráfico de Médias do GC e do GE para a Variável “Total Raciocínio Explícito”



Por fim, a análise da variável “Total da História” também não apresentou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F_{(1, 61)} = 3.66, p = .061$), considerando-se a magnitude do efeito como moderada ($\eta_p^2 = .058$). Como esperado, o GC mais uma vez apresenta média superior ($M = 13.77, DP = 2.52$) em relação ao GE ($M = 12.29, DP = 3.43$), como pode ser observado na Figura 4.3.

Figura 4.3

Gráfico de Médias do GC e do GE para a Variável “Total História”



Ao verificar as questões da história, encontram-se algumas diferenças e distribuições desequilibradas entre grupos. A média do GE na Questão 2 ($M = 1.71, DP = 0.70$) foi superior à média do GC ($M = 1.43, DP = 0.86$). Na Questão 12, a média do GE também foi superior ($M = 1.12, DP = 0.67$) à média do GC ($M = 0.97, DP = 0.67$). A Questão 2 era relativa à Compreensão (“Porque é que Carlos e Joana vão jantar fora?”), já a Questão 12 relacionava-se ao Raciocínio Explícito sobre o Estado Mental (Como é que a Joana se sente no fim da história?).

Os resultados não foram significativos, nem para a Questão 2 ($\chi^2_{(2,61)} = 2.585, p = .275$) e nem para a Questão 12 ($\chi^2_{(2,61)} = 0.917, p = .632$). Contudo, é importante compreender onde está localizada a tendência ao desequilíbrio nas respostas dos participantes, e a quais aspetos da história estes desequilíbrios podem estar relacionados. A Tabela 4.1 apresenta os resíduos padronizados da Questão 2.

Tabela 4.1*Resíduos Padronizados da Questão 2*

Grupo		Questão 2		
		0	1	2
Grupo de Controlo	Resíduos Padronizados	1.059	1.069	-1.560
Grupo Experimental	Resíduos Padronizados	-1.059	-1.069	1.560

É possível verificar que a tendência ao desequilíbrio na Questão 2 localiza-se na pontuação 2, ou seja, os indivíduos do GE acertaram totalmente a questão mais vezes do que era esperado que acertassem. Como mencionado anteriormente, esta questão era relativa à componente de Compreensão da história.

A Tabela 4.2 apresenta os resíduos padronizados da Questão 12. Nesta questão, o desequilíbrio também está localizado nas pontuações 2, o que novamente indica que era esperado que menos indivíduos do GE acertassem totalmente a questão.

Tabela 4.2*Resíduos Padronizados da Questão 12*

Grupo		Questão 12		
		0	1	2
Grupo de Controlo	Resíduos Padronizados	0.708	0.144	-0.819
Grupo Experimental	Resíduos Padronizados	-0.708	-0.144	0.819

Apesar de não ser possível afirmar com certeza, supõe-se que na Questão 2 pode ter havido um maior foco da atenção na compreensão da história por parte dos participantes do GE, justamente pelo efeito do *priming*, que pode ter deixado mais salientes aspetos relacionados com o conteúdo sexual e afetivo da história, o que pode não ter ocorrido com os participantes do GC, que não haviam sido ativados.

Já na Questão 12, de facto esperava-se uma maior pontuação dos participantes do GC, justamente por se tratar de uma questão diretamente relacionada a um aspeto da coerção sexual. Porém, uma vez que não foi testada a duração do efeito causado pelo *priming*, não se sabe até

qual ponto os participantes ainda estariam a responder sob influência da suposta perturbação da Tomada de Perspetiva do Outro, causada pela ativação sexual.

Foram obtidos resultados estatisticamente significativos no que diz respeito à contagem real e à contagem esperada para uma distribuição equilibrada apenas na Questão 7 (Dimensão: Raciocínio Explícito sobre o Estado Mental - “Porque é que Joana diz, “Mas eu não vou lavar o cabelo! Não o quero molhar.”?) ($\chi^2_{(2,61)} = 7.716, p = .021$) e na Questão 10 (Dimensão: Compreensão - “O que acontece depois de Carlos dizer “Anda cá, amor”?) ($\chi^2_{(2,61)} = 14.139, p = <.001$).

Constatou-se que o desequilíbrio na Questão 7 localizava-se na pontuação 0. Assim, os sujeitos do GE erraram muito mais do que era esperado para uma distribuição normal, conforme pode ser visto na Tabela 4.3.

Tabela 4.3

Resíduos Padronizados da Questão 7

Grupo	Questão 7		
	0	1	2
Grupo de Controlo Resíduos Padronizados	-2.748	1.160	1.241
Grupo Experimental Resíduos Padronizados	2.748	-1.160	1.241

Já na Questão 10, a situação foi semelhante, tendo o GE pontuado 0 muito mais do que o esperado. Estes resultados podem ser visualizados na Tabela 4.4.

Tabela 4.4

Resíduos Padronizados da Questão 10

Grupo	Questão 10		
	0	1	2
Grupo de Controlo Resíduos Padronizados	-3.515	2.435	2.103
Grupo Experimental Resíduos Padronizados	3.515	-2.435	-2.103

Ambos os itens, apesar de estarem a avaliar diferentes dimensões, estão relacionados a pistas da coerção sexual ocorrida na situação. Na Questão 7, a resposta totalmente correta estava relacionada ao desejo de Joana de evitar os avanços sexuais no banho, sem magoar os sentimentos do Carlos e à sua pretensão de dar pistas sobre não lhe apetecer ter relações sexuais. Na Questão 10, mesmo que a questão avaliasse a compreensão do participante sobre a história, a resposta totalmente correta envolvia perceber uma pista de coerção sexual, exigindo-se que o participante relatasse que houve uma relação sexual após a pergunta de Carlos, mas que esta ocorreu após insistência/coerção por parte dele.

Assim, é compreensível que os participantes que tenham errado na Questão 7 também errassem na Questão 10, uma vez que ambas pressupõem a avaliação de pistas relacionadas à situação de coerção. Todavia, esta questão parece ter um grau de dificuldade elevado como um todo, dado que a pontuação geral de acertos totais foi baixa, tendo apenas 6,55% das pessoas pontuado 2.

5. Discussão

A hipótese inicial de estudo foi de que haveria uma maior dificuldade por parte dos indivíduos do Grupo Experimental sujeitos à ativação sexual causada por um estímulo auditivo, em interpretar as pistas contextuais relacionadas à coerção sexual subtil apresentadas pelas personagens da história “Cenas de um Relacionamento”, uma vez que estes estariam afetados pela influência desta emoção em sua Tomada de Perspetiva do Outro, o que se revelaria por pontuações mais baixas na história.

Esta hipótese foi formulada com o objetivo de colmatar uma lacuna existente na literatura acerca da origem da alta prevalência da coerção sexual subtil, que é de duas a quatro vezes mais prevalente do que as formas mais severas de coerção (Brousseau et al., 2011; O’Leary & Williams, 2006). Assumiu-se como premissa para a investigação que este alto índice reside na má interpretação das pistas por parte do parceiro que inicia a tentativa sexual, decorrente também da complexidade da expressão do consentimento.

Contudo, a análise dos resultados obtidos através deste estudo, permite concluir que essa hipótese não se confirma, não sendo possível afirmar que a ativação sexual de facto contribui para a ocorrência da coerção sexual subtil. Por outro lado, as médias obtidas pelos grupos em cada uma das condições revelam uma tendência clara de que o Grupo de Controlo tenha médias superiores ao Grupo Experimental, o que parece apontar uma direção assertiva de investigação.

O facto da hipótese de estudo ter sido refutada, mas haver uma direção favorável à ela nos resultados, demonstra a necessidade de compreender os possíveis erros teóricos e/ou metodológicos que possam ter levado a este resultado.

Primeiro, é importante lembrar que a literatura não é robusta quando se trata da investigação da alta prevalência da coerção sexual subtil, apenas apontando de forma mais consistente como possível causa deste número a sobreposição entre as situações de vitimização e perpetração (Enosh, 2007). Contudo, esta explicação não é suficiente para responder à questão central. Um dos motivos é que não se pode afirmar com precisão que a maior parte dos perpetradores é vítima, ou o contrário. Assim, não é possível saber o quanto a sobreposição dos papéis contribui para o comportamento coercivo.

Para tentar responder à esta lacuna acerca de quais variáveis contribuem mais para o comportamento de coerção sexual subtil, buscou-se olhar para a situação pontual de coerção, ou seja, para o momento em que o comportamento ocorre, a fim de encontrar explicações que pudessem ser generalizadas a todos, ou à maioria dos contextos.

Para tanto, partiu-se do pressuposto que o processo de coagir sexualmente poderia estar a ser influenciado substancialmente por um erro na leitura de pistas contextuais, que por sua vez, ocorre pela influência de uma emoção.

Assumi-se, então, que este processo era anterior à percepção do perpetrador de que a vítima não queria dar sequência aos atos sexuais pretendidos por ele. Ou seja, a coerção sexual subtil ocorreria não por uma escolha predominantemente racional frente à uma negativa, mas sim pela perturbação na capacidade de compreender as pistas contextuais contrárias do(a) parceiro(a), o que levaria à insistência. Postulou-se que este seria o fator preponderante da alta prevalência da coerção sexual subtil.

Para desenvolver esta discussão, é necessário olhar com atenção para estas assunções teóricas que podem ser imprecisas, dado o resultado do estudo. A primeira delas é que, a definição de coerção sexual adotada pressupõe que, apenas frente ao não consentimento do outro, e à consequente insistência de quem iniciou a tentativa, pode-se assumir que houve coerção sexual. Porém, a hipótese em estudo sugere que o parceiro que inicia a tentativa pode não perceber que o outro parceiro não deseja engajar-se em um comportamento sexual, justamente por esta falha na leitura de pistas e na Tomada de Perspetiva do Outro, mesmo que haja a expressão de não consentimento.

Existe então um impasse teórico na própria definição do fenómeno, que leva mais em consideração a percepção ou não percepção de consentimento por parte do perpetrador para definir a ocorrência da coerção, do que a compreensão da vítima de que foi coagida. Como um

exemplo deste impasse, podemos imaginar uma vítima que não deu sinais claros de consentimento, o que pode ter levado o parceiro a não perceber que ela não desejava continuar o ato sexual. Mesmo assim, a vítima pode dizer que sentiu-se coagida. Neste caso e, tendo em conta a definição de coerção sexual aqui colocada, o facto do outro não compreender estes sinais isenta-o do papel de perpetrador?

Se a resposta for sim, então esta falha causada por uma emoção contribui tanto para a explicação do comportamento coercivo, que talvez não seja possível dizer que há coerção sexual, tratando-se aqui de um outro fenómeno. Por outro lado, se a resposta for não, então é necessário acrescentar algumas camadas à definição de coerção sexual, principalmente à definição da coerção sexual subtil, que parece imprecisa nestes casos, uma vez que por regra, as definições encontradas levam em conta a componente severa da coerção, onde normalmente existe uma clara expressão de não consentimento.

Ainda sobre este tópico, pode ter havido também um erro quanto à assunção de que o perpetrador da coerção sexual subtil “não escolhe” coagir por uma perturbação na leitura de pistas contextuais, que o afeta anteriormente à ciência do não consentimento do seu parceiro. Um estudo de DeGue et. al. (2010) mostrou que a principal diferença entre os perpetradores da coerção subtil e os perpetradores da coerção severa, era que os primeiros possuíam traços que facilitavam o uso de táticas verbais, como a habilidade de imaginar a reação dos outros ou de manipular, algo que os perpetradores severos não possuíam, o que os obrigava a utilizar a violência para chegarem até onde desejavam. Notou-se também que ambos os perpetradores possuíam fatores de risco semelhantes para o desenvolvimento deste comportamento, como a crença em mitos acerca da violação e a promiscuidade sexual, por exemplo.

Assim, apesar da coerção sexual subtil diferir da coerção sexual severa, é possível que seja difícil distinguir entre os seus perpetradores, uma vez que as semelhanças entre as variáveis que explicam este comportamento aparentam ser maiores do que as diferenças.

Já no que diz respeito à investigação da ativação sexual como a variável principal de influência neste comportamento, já existe um desenvolvimento consistente na literatura acerca deste tema. O estudo de Bouffard (2002), por exemplo, demonstrou que a ativação sexual aumenta a probabilidade de envolver-se em comportamentos coercivos e também faz com que os sujeitos percebam o prazer sexual como um benefício importante naquele momento, em detrimento dos desejos do seu parceiro. Além da coerção sexual, pode haver ainda a contribuição de outras emoções (e.g. frustração), que ainda não estão bem definidas ou sequer foram estudadas pela literatura.

É indiscutível que o fenómeno da coerção é multifatorial e que a ativação sexual contribui para que ele aconteça, mas dada a natureza e os resultados aqui apresentados, talvez seja preciso considerar que a influência desta emoção contribua pouco, e que, somado a isso, exista uma escolha deliberada por parte dos perpetradores subtis em coagir sexualmente, o que traz outras variáveis que podem ser mais relevantes para a investigação do fenómeno.

Por conta das direções apontadas pelos estudos aqui citados, acredita-se que possíveis fragilidades metodológicas tenham tido maior contribuição para a conclusão do estudo, em detrimento de erros teóricos, uma vez que já foi demonstrado pela literatura que a ativação sexual influencia na coerção sexual.

Estas fragilidades parecem apontar tanto para o conteúdo, quanto para a forma. Quanto ao conteúdo, ressaltam-se os instrumentos construídos e, quanto à forma, o facto do estudo ter sido realizado totalmente *online*.

Em relação aos instrumentos, acredita-se que o *priming* que visava ativar sexualmente os sujeitos pode não ter sido suficientemente efetivo, fazendo assim com que o cerne da hipótese do estudo não se sustentasse. De facto, os resultados finais mostram que os sujeitos acreditam que “O áudio pode ser considerado sexualmente estimulante” ($M = 3.19$, $DP = 1.33$) e que “As pessoas ficarão sexualmente estimuladas pelo áudio” ($M = 3.03$, $DP = 0.98$), mas parecem discordar da questão “O áudio estimulou-me sexualmente” ($M = 1.77$, $DP = 1.02$). Estes resultados haviam sido interpretados como decorrentes de um comportamento de deseabilidade social, porém, dado os resultados do estudo, há que se considerar a possibilidade do *priming* não ter sido suficientemente efetivo em ativar os sujeitos.

Existe uma dificuldade inerente à esta situação, uma vez que a ativação sexual de um sujeito em benefício de uma investigação científica, esbarra tanto em questões técnicas (e.g. método para ativar sexualmente, local), quanto sociais (e.g. princípios morais, vergonha). Sendo assim, um instrumento deste género precisaria ser elaborado de forma a ser, ao mesmo tempo, eficiente (ativar sexualmente) e capaz de captar pessoas disponíveis a participar, uma vez que é possível que poucos aceitassem enfrentar uma situação de ativação sexual nestas condições.

Neste aspeto, a solução encontrada foi utilizar um estímulo em áudio, o que pode representar um bom caminho em resposta aos problemas levantados, mas que possivelmente foi insuficiente para cumprir o que se propôs a fazer. Estudos futuros podem explorar especificamente a criação de estímulos que ativem sexualmente, sendo possível também buscar outros meios de ativação, como o visual ou tátil, por exemplo.

O outro instrumento criado para o estudo foi a história “Cenas de um Relacionamento”, que teve como base o artigo de Dodell-Feder et al. (2013), que utiliza uma história literária para avaliar aspetos da ToM. Utilizou-se uma estrutura muito semelhante ao instrumento criado pelos autores, transpondo as dimensões em estudo para aquelas relacionadas à empatia/ToM.

Contudo, a criação de um instrumento complexo e multidimensional demanda rigor metodológico em sua elaboração e validação, o que não foi possível com precisão devido ao reduzido tempo hábil para a elaboração deste trabalho.

A avaliação do instrumento permite constatar que, de facto, existe sensibilidade para diferenciar os sujeitos. Entretanto, o maior problema parece estar relacionado à dificuldade dos avaliadores em atribuir pontuações concordantes às respostas que foram dadas pelos participantes. Esta situação pode ter como origem uma formulação imprecisa dos itens, uma grelha de avaliação pouco discriminativa entre as respostas que devem ser consideradas totalmente corretas (pontuação 2), mais ou menos corretas (pontuação 1) ou incorretas (pontuação 0), ou ainda, ambas as situações.

O procedimento mais indicado neste caso seria a realização de uma análise fatorial do instrumento, a fim de avaliar qual a estrutura fatorial das respostas, e de que forma os itens estão mais ou menos relacionados à dimensão do construto que representam. Assim, seria possível excluir possíveis itens problemáticos ou invertidos, que acabam por influenciar as respostas dos participantes e a sua subsequente avaliação, por parte de quem faz a cotação. Também deve-se considerar a elaboração de uma grelha de cotação mais específica e que forneça diversos exemplos de como os diferentes tipos de respostas devem ser avaliados.

Por fim, salientam-se os problemas derivados de um estudo realizado totalmente *online* que, apesar de possibilitar que se alcance um maior número de pessoas e facilitar a divulgação do instrumento, tem dificuldades específicas que serão descritas a seguir.

Um primeiro problema liga-se à uma possível fadiga dos participantes ao realizar um questionário extenso em frente ao computador. Isto pode fazer com que existam variações na atenção, o que consequentemente afeta o estudo como um todo, uma vez que não há como garantir que o participante está atento em todos os momentos.

Há também uma dificuldade de controlo do tempo na realização do estudo, pois não há como saber se o participante fez pausas entre uma questão e outra, ou mesmo após o *priming*, o que poderia influenciar completamente a sua efetividade e consequentemente, a avaliação da história de coerção sexual.

Para resolver estes problemas seria necessário, ou transpor o estudo para a modalidade presencial, ou garantir um maior rigor no controlo destes cenários. Uma solução seria, por

exemplo, estabelecer um tempo máximo de resposta para cada uma das questões, não permitindo que o participante prossiga com o questionário se não cumprir com estes critérios.

Conclui-se que deve ser considerado repetir este estudo no futuro, tendo em conta as ameaças à sua validade discutidas acima, a fim de perceber de forma precisa se a hipótese pode ser corroborada ou não depois de terem sido reduzidos os obstáculos metodológicos.

Apesar destes obstáculos, a elaboração de um instrumento para avaliar situações de coerção sexual subtil foi importante, uma vez que parecem não existir exemplos semelhantes na literatura, pelo menos até à data de finalização deste estudo. O instrumento também permite realizar uma análise qualitativa das respostas dos participantes, pois existe a possibilidade das respostas serem elaboradas. Todavia, ressalta-se a importância de aprofundar o desenvolvimento deste instrumento para garantir que seja possível utilizá-lo de forma efetiva.

Como já discutido anteriormente, a investigação da alta prevalência da coerção sexual subtil representa um problema extremamente pertinente e que deve ser considerado em novos estudos sobre o tema. Apesar de não ter obtido resultados significativos, foi possível verificar que a tendência apresentada pelas médias da história demonstra que o Grupo de Controlo pontuou mais, o que era esperado que ocorresse. Esta constatação pode representar uma pista para futuros trabalhos.

6. Referências Bibliográficas

- Adams-Curtis, L. E., & Forbes, G. B. (2004). College women's experiences of sexual coercion: A review of cultural, perpetrator, victim, and situational variables. *Trauma, Violence, & Abuse, 5*(2), 91-122. <https://doi.org/10.1177/1524838003262331>
- Alexandra, C. & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: Estudo de Validação. *Psicologia: Teoria e Prática, 8*(2), 14- 39. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v8n2/v8n2a02.pdf>
- Banyard, V. L., Ward, S., Cohn, E. S., Plante, E. G., Moorhead, C., & Walsh, W. (2007). Unwanted sexual contact on campus: A comparison of women's and men's experiences. *Violence and victims, 22*(1), 52-70.
- Barnes-Holmes, Y., McHugh, L., & Barnes-Holmes, D. (2004). Perspective-taking and Theory of Mind: A relational frame account. *The Behavior Analyst Today, 5*(1), 15-25. <https://doi.org/10.1037/h0100133>
- Bouffard, J. A. (2002). The influence of emotion on rational decision making in sexual aggression. *Journal of Criminal Justice, 30*(2), 121-134.
- Bouffard, J. A., Bouffard, L. A., & Miller, H. A. (2016). Examining the correlates of women's use of sexual coercion: Proposing an explanatory model. *Journal of Interpersonal Violence, 31*(3), 2360-2382. <https://doi.org/10.1177/0886260515575609>
- Brousseau, M. M., Bergeron, S., Hébert, M., & McDuff, P. (2011). Sexual coercion victimization and perpetration in heterosexual couples: A dyadic investigation. *Archives of Sexual Behavior, 40*, 363–372. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9617-0>
- Capezza, N. M., & Arriaga, X. B. (2008). You can degrade but you can't hit: Differences in perceptions of psychological versus physical aggression. *Journal of Social and Personal Relationships, 25*, 225-245. <https://doi.org/10.1177/0265407507087957>
- Carver, C. S., & Harmon-Jones, E. (2009). Anger is an approach-related affect: Evidence and implications. *Psychological Bulletin, 135*(2), 183-204. <https://doi.org/10.1037/a0013965>
- DeGue, S., DiLillo, D., & Scalora, M. (2010). Are all perpetrators alike? Comparing risk factors for sexual coercion and aggression. *Sexual Abuse, 22*(4), 402-426. <https://doi.org/10.1177/1079063210372140>
- Dodell-Feder, D., Lincoln, S. H., Coulson, J. P., & Hooker, C. I. (2013). Using fiction to assess mental state understanding: a new task for assessing theory of mind in adults. *PLoS one, 8*(11), e81279. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0081279>
- Duval, C., Piolino, P., Bejanin, A., Eustache, F., & Desgranges, B. (2011). Age effects on different components of theory of mind. *Consciousness and Cognition: Na International Journal, 20*(3), 627–642. <https://doi.org/10.1016/j.concog.2010.10.025>
- Edwards, K. M., Kearns, M. C., Gidycz, C. A., & Calhoun, K. S. (2012). Predictors of victim–perpetrator relationship stability following a sexual assault: A brief report. *Violence and Victims, 27*, 25-32. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.27.1.25>
- Enosh, G. (2007). Cognition or involvement? Explaining sexual-coercion in high-school dating. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment, 19*(3), 311-329. <https://doi.org/10.1177/107906320701900308>

- Epley, N., & Caruso, E. M. (2008). 20 Perspective Taking: Misstepping Into Others' Shoes. In K. D. Markman, W. M. P. Klein & J. A. Suhr (Eds.), *Handbook of imagination and mental simulation* (p. 295). <https://doi.org/10.4324/9780203809846>
- Everaerd, W., Both, S., & Laan, E. (2006). The experience of sexual emotions. *Annual Review of Sex Research*, *17*(1), 183-199.
- Farris, C., Treat, T. A., Viken, R. J., & McFall, R. M. (2008). Sexual coercion and the misperception of sexual intent. *Clinical psychology review*, *28*(1), 48-66. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2007.03.002>
- Freitas, S. F. D. (2020). *O papel dos scripts sexuais e do duplo padrão sexual na explicação da coerção sexual no namoro através da teoria da ação planeada* (Doctoral dissertation, Universidade do Algarve).
- Garrido-Macías, M., Valor Segura, I., & Expósito Jiménez, F. (2020). Which tactics of sexual violence predict leaving the relationship? The role of dependence towards partner. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, *12*(2) 53-60. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2020a6>
- Giordano, M., Licea-Haquet, G., Navarrete, E., Valles-Capetillo, E., Lizcano-Cortés, F., Carrillo-Peña, A., & Zamora-Ursulo, A. (2019). Comparison between the short story task and the reading the mind in the eyes test for evaluating theory of mind: a replication report. *Cogent Psychology*, *6*(1), 1634326. <https://doi.org/10.1080/23311908.2019.1634326>
- Glowacz, F., Goblet, M., & Courtain, A. (2018). Sexual coercion in adolescence: From non-consensual sexuality to sexuality under constraint. *Sexologies*, *27*(2), e33-e37. <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2018.02.010>
- Henna, E., Zilberman, M. L., Gentil, V., & Gorenstein, C. (2008). Validity of a frustration-induction procedure. *Brazilian Journal of Psychiatry*, *30*, 47-49. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000057>
- JASP Team (2023). JASP (Version 0.17.3) [Computer software].
- Jozkowski, K. N., Peterson, Z. D., Sanders, S. A., Dennis, B., & Reece, M. (2014a). Gender differences in heterosexual college students' conceptualizations and indicators of sexual consent; Implications for contemporary sexual assault prevention education. *Journal of Sex Research*, *51*(8), 904-916. <https://doi.org/10.1080/00224499.2013.792326>
- Jozkowski, K.N., Sanders, S., Peterson, Z.D., Dennis, B., & Reece, M. (2014b). Consenting to Sexual Activity: The Development and Psychometric Assessment of Dual Measures of Consent. *Arch Sex Behav*, *43*(3), 437–450. <https://doi.org/10.1007/s10508-013-0225-7>
- Jozkowski, K. N., Marcantonio, T. L., Rhoads, K. E., Canan, S., Hunt, M. E., & Willis, M. (2019). A content analysis of sexual consent and refusal communication in mainstream films. *Journal of Sex Research*, *56*(6), 754–765. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1595503>
- Karantzas, G. C., McCabe, M. P., Karantzas, K. M., Pizzirani, B., Campbell, H., & Mullins, E. R. (2016). Attachment style and less severe forms of sexual coercion: a systematic review. *Archives of sexual behavior*, *45*(5), 1053-1068. <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0600-7>

- Karoğlu, N., Ferguson, H. J., & Ó Ciardha, C. (2021). Theory of mind in offending: a systematic review. *Trauma, Violence, & Abuse, 1-19*. <https://doi.org/10.1177/15248380211013143>
- Koss, M. P., Gidycz, C. A., & Wisniewski, N. (1987). The scope of rape: Incidence and prevalence of sexual aggression and victimization in a national sample of higher education students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 55*, 162–172.
- Krebs, C., Lindquist, C., Warner, T., Fisher, B., & Martin, S. (2007). *The campus sexual assault (CSA) study*. <https://www.ojp.gov/pdffiles1/nij/grants/221153.pdf>
- Limpo, T., Alves, R. A., & Castro, S. L. (2010). Medir a empatia: Adaptação portuguesa do Índice de Reactividade Interpessoal. *Laboratório de Psicologia, 8*, 171-184.
- Livingston, J. A., Buddie, A. M., Testa, M., & VanZile-Tamsen, C. (2004). The role of sexual precedence in verbal sexual coercion. *Psychology of Women Quarterly, 28*, 287-297. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2004.00146.x>
- Mar, R. A. (2011). The neural bases of social cognition and story comprehension. *Annual review of psychology, 62*(1), 103-134. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-120709-145406>
- Miller, J. A., Smith, E. A., Caldwell, L. L., Mathews, C., & Wegner, L. (2021). Boys are victims, too: The influence of perpetrators' age and gender in sexual coercion against boys. *Journal of interpersonal violence, 36*(7-8). <https://doi.org/10.1177/0886260518775752>
- Moreira, A., Sá, P., & Costa, A. P. (2021). *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação, métodos*. Universidade de Aveiro.
- Newstrom, N. P., Harris, S. M., & Miner, M. H. (2021). Sexual consent: How relationships, gender, and sexual self-disclosure affect signaling and interpreting cues for sexual consent in a hypothetical heterosexual sexual situation. *Sex Roles, 84*(7), 454-464. <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01178-2>
- O'Leary, K. D., & Williams, M. C. (2006). Agreement about acts of aggression in marriage. *Journal of Family Psychology, 20*, 656–662. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.4.656>
- O'Sullivan, L. F., & Allgeier, E. R. (1998). Feigning sexual desire: Consenting to unwanted sexual activity in heterosexual dating relationships. *Journal of Sex Research, 35*, 234–243
- Pestana, J., Menéres, S., Gouveia, M. J., & Oliveira, R. F. (2018). The Reading the Mind in the Eyes Test: A Portuguese version of the adults' test. *Análise Psicológica, 36*(3), 369-381. <https://doi.org/10.14417/ap.1305>
- Peterson, Z. D., & Muehlenhard, C. L. (2007). Conceptualizing the “wantedness” of women's consensual and nonconsensual sexual experiences: Implications for how women label their experiences with rape. *Journal of Sex Research, 44*(1), 72–88. <https://doi.org/10.1080/00224490709336794>
- Platt, J. J., & Busby, D. M. (2009). Male victims: The nature and meaning of sexual coercion. *The American Journal of Family Therapy, 37*(3), 217-226. <https://doi.org/10.1080/01926180802403302>
- Pugh, B., & Becker, P. (2018). Exploring definitions and prevalence of verbal sexual coercion and its relationship to consent to unwanted sex: Implications for affirmative consent

- standards on college campuses. *Behavioral sciences*, 8(8), 69. <https://doi.org/10.3390/bs8080069>
- Rai, R., & Rai, A. K. (2020). Exploring the sexual coercion and mental health among young female psychiatric patients in India. *Children and Youth Services Review*, 119, 105606. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105606>
- Savitsky, K., Keysar, B., Epley, N., Carter, T., & Swanson, A. (2011). The closeness-communication bias: Increased egocentrism among friends versus strangers. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47, 269 – 273. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jesp.2010.09.005>
- Shamay-Tsoory, S. G., & Aharon-Peretz, J. (2007). Dissociable prefrontal networks for cognitive and affective theory of mind: A lesion study. *Neuropsychologia*, 45(13), 3054–3067. doi:10.1016/j.neuropsychologia.2007.05.021
- Shamay-Tsoory, S. G., Harari, H., Aharon-Peretz, J., & Levkovitz, Y. (2010). The role of the orbitofrontal cortex in affective theory of mind deficits in criminal offenders with psychopathic tendencies. *Cortex: A Journal Devoted to the Study of the Nervous System and Behavior*, 46(5), 668–677. <https://doi.org/10.1016/j.cortex.2009.04.008>
- Smith, C. A., & Ellsworth, P. C. (1985). Patterns of cognitive appraisal in emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48(4), 813-838.
- Smith, S. G., Basile, K. C., Gilbert, L. K., Merrick, M. T., Patel, N., Walling, M., & Jain, A. (2017). *National intimate partner and sexual violence survey (NISVS): 2010-2012 state report*. National Center for Injury Prevention and Control (U.S.). Division of Violence Prevention. <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/46305>
- Stoet, G. (2010). PsyToolkit - A software package for programming psychological experiments using Linux. *Behavior Research Methods*, 42(4), 1096-1104.
- Stoet, G. (2017). PsyToolkit: A novel web-based method for running online questionnaires and reaction-time experiments. *Teaching of Psychology*, 44(1), 24-31.
- Struckman-Johnson, C., Struckman-Johnson, D., & Anderson, P. B. (2003). Tactics of sexual coercion: When men and women won't take no for an answer. *Journal of Sex Research*, 40, 76–86. <https://doi.org/10.1080/00224490309552168>
- Tharp, A. T., DeGue, S., Valle, L. A., Brookmeyer, K. A., Massetti, G. M., & Matjasko, J. L. (2013). A systematic qualitative review of risk and protective factors for sexual violence perpetration. *Trauma, Violence, & Abuse*, 14(2), 133-167. <https://doi.org/10.1177/1524838012470031>
- Todd, A. R., Forstmann, M., Burgmer, P., Brooks, A. W., & Galinsky, A. D. (2015). Anxious and egocentric: How specific emotions influence perspective taking. *Journal of Experimental Psychology: General*, 144(2), 374-391. <https://doi.org/10.1037/xge0000048>
- Turner, R., & Felisberti, F. M. (2017). Measuring mindreading: A review of behavioral approaches to testing cognitive and affective mental state attribution in neurologically typical adults. *Frontiers in Psychology*, 8 (47), 117–7. doi:10.3389/fpsyg.2017.00047
- Ward, T., Keenan, T., & Hudson, S. M. (2000). Understanding cognitive, affective, and intimacy deficits in sexual offenders: A developmental perspective. *Aggression and Violent Behavior*, 5(1), 41–62. [https://doi.org/10.1016/S1359-1789\(98\)00025-1](https://doi.org/10.1016/S1359-1789(98)00025-1)

- Weiblen, R., Mairon, N., Krach, S., Buades-Rotger, M., Nahum, M., Kanske, P., ... & Krämer, U. M. (2021). The influence of anger on empathy and theory of mind. *Plos one*, *16*(7), e0255068. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0255068>
- Weiss, K. G. (2009). “Boys will be boys” and other gendered accounts. An exploration of victims’ excuses and justifications for unwanted sexual contact and coercion. *Violence against Women*, *15*, 810-834. <https://doi.org/10.1177/1077801209333611>
- Willis, M., Blunt-Vinti, HD, & Jozkowski, KN (2019a). Assessing and addressing the need for more diverse samples regarding age and race/ethnicity in sexual consent research. *Personality and Individual Differences*, *149*, 37–45. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.029>
- Willis, M., Hunt, M., Wodika, A., Rhodes, D. L., Goodman, J., & Jozkowski, K. N. (2019b). Explicit verbal sexual consent communication: Effects of gender, relationship status, and type of sexual behavior. *International Journal of Sexual Health*, *31*(1), 60–70. <https://doi.org/10.1080/19317611.2019.1565793>.
- Yip, J. a., & Schweitzer, M. E. (2016). Mad and misleading: Incidental anger promotes deception. *Organizational Behavior and Human Decisions Processes*, *137*, 207-217. <https://doi.org/10.1016/j.obhdp.2016.09.006>
- Yip, J. A., & Schweitzer, M. E. (2019). Losing your temper and your perspective: Anger reduces perspective-taking. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, *150*, 28-45. <https://doi.org/10.1016/j.obhdp.2018.07.003>

Anexo A

Informação de Requisitos de Privacidade de Dados

Termos e Condições Gerais de Privacidade de Dados

A Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade do Algarve, com sede em Campus da Penha, 8005 139, Faro, Portugal, telefone +351289800100, esta a realizar o “Questionário Sociodemográfico” no âmbito do estudo “Processos Cognitivos Superiores e a Sexualidade”, no período entre Janeiro de 2023 a Julho de 2023, e tem como responsável pelo estudo “Beatriz Vicente da Silva”.

O principal objetivo do estudo é compreender a relação entre os processos cognitivos superiores e a sexualidade. Este questionário/inquérito é realizado de forma remota (online).

Os dados pessoais previstos a tratamento no âmbito do estudo “Processos Cognitivos Superiores e a Sexualidade” são; idade; nacionalidade; estado civil; habilitações académicas e dados de saúde (existência de perturbação psiquiátrica, neurológica, AVC ou TCE), sendo que a categoria dos titulares a recolher os dados será a população de pessoas em um relacionamento.

Todos os dados são recolhidos apenas para efeitos do estudo dos “Processos Cognitivos Superiores e a Sexualidade”, estando garantida a confidencialidade do seu tratamento e a exclusiva utilização pela Universidade do Algarve, com um período de retenção dos dados sendo o mínimo necessário para a realização do estudo, e sendo o seu tratamento realizado nos termos e condições da Política de Proteção de Dados que se encontra acessível em www.ualg.pt.

Se necessitar de algum esclarecimento adicional em relação à participação ou ao preenchimento do questionário, é favor contactar pelos emails " a62852@ualg.pt " ou “asgomes@ualg.pt” .

Eu aceito os termos e as condições acima descritos. Da mesma forma, como titular de dados, aceito as condições gerais e os termos das Políticas de Proteção de Dados do Universidade do Algarve.

Consentimento para Tratamento de Dados

Autorizo expressamente o tratamento dos dados pessoais pela Universidade do Algarve, para efeitos de estudo realizado na investigação “Processos Cognitivos Superiores e a

Sexualidade”, de acordo com os termos de informação sobre tratamento de dados e a Política de Proteção de Dados que se encontram disponíveis em www.ualg.pt . Estou consciente de que posso retirar o consentimento ou exercer os direitos de proteção de dados, designadamente os direitos de reclamação, acesso, retificação, oposição, limitação do tratamento ou apagamento, através de contacto com o Encarregado da Proteção de Dados da Universidade do Algarve pelo correio eletrónico rgpd@ualg.pt, e caso assim o considere necessário, apresentar reclamação à Comissão Nacional de Proteção de Dados, através dos contatos disponíveis em www.cnpd.pt.

Anexo B

Consentimento Informado

O presente trabalho de investigação tem como objetivo a obtenção do grau de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde pela Universidade do Algarve.

O objetivo do estudo é compreender a relação entre os Processos Cognitivos Superiores e a Sexualidade. O estudo em questão não possui custos e nem ganhos para o participante, assim como não apresenta riscos à saúde, bem-estar ou integridade física dos mesmos.

Os resultados são completamente anónimos e confidenciais e serão utilizados apenas com um fim científico. Os dados recolhidos serão utilizados apenas para o fim proposto pelo estudo, sendo também anónimos e protegidos para utilização em outros fins.

A duração do todo o procedimento é de cerca de 30 minutos.

É importante ressaltar que, caso não deseje que os seus resultados sejam utilizados por este estudo, possui todo o direito de abandonar a investigação, em qualquer altura que desejar, não havendo nenhum tipo de consequência pela desistência. Caso deseje, pode contactar os envolvidos na elaboração do estudo através dos e-mails disponibilizados no final desta folha.

Declaro que li, percebi e concordo com o Consentimento Informado acima exposto.

(se quiser participar no estudo, por favor seleccione abaixo).

Desejo participar no estudo:

Sim

Não

Discente: Beatriz Vicente da Silva – a62852@ualg.pt

Orientador(a): Professora Doutora Alexandra Gomes – asgomes@ualg.pt

Anexo C**Questionário Sociodemográfico****Idade:** _____**Sexo designado ao nascimento:**

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não responder

Nacionalidade: _____**Estado civil:**

- Solteiro
- Relacionamento estável
- Casado/União de facto
- Viúvo

Caso esteja em um relacionamento, informar a duração (se inferior a 1 ano, favor informar em meses): _____

Habilitações académicas (em anos):**É diagnosticado com alguma perturbação psiquiátrica ou psicológica?**

- Sim
- Não

Toma alguma medicação psiquiátrica ou psicológica?

Sim

Não

Tem ou já teve alguma doença neurológica?

Sim

Não

Já teve algum Acidente Vascular Cerebral (AVC) ou Traumatismo Crânio Encefálico (TCE)?

Sim

Não

Anexo D

Priming – Ativação Sexual

A seguir será apresentado um áudio. O objetivo desta tarefa é identificar o que a pessoa ou as pessoas do áudio estão a fazer. Por favor, aguarde até o fim para responder à pergunta.

Bom trabalho!

Após ouvir o áudio – Agora, responda à pergunta com as suas próprias palavras, de forma breve.

Anexo E

Leitura e Interpretação da história “Cenas de um relacionamento”

Instruções aos participantes

De seguida a estas instruções irá ler uma pequena história intitulada “Cenas de um relacionamento”.

A história tem apenas algumas páginas, deve lê-la com o máximo de atenção. Tente reter o sentido do que acontece e da relação entre as personagens.

Quando terminar a leitura, iremos realizar-lhe algumas questões, cujas respostas serão gravadas/registadas.

Cenas de um relacionamento

Joana e Carlos acabam de chegar a casa, tardiamente, depois de um jantar de comemoração do seu 5º aniversário de relacionamento.

O jantar decorrera num dos melhores e mais exclusivos restaurantes da cidade, em clima de romance, com carinhos de parte a parte. A mesa soberbamente decorada com flores e velas, a pedido do Carlos, deixou a Joana embevecida. Passado tantos anos, Carlos continuava a esforçar-se por manter a paixão acesa e por surpreendê-la. As fotografias que fora recebendo ao longo do dia, como um desfile de todos os momentos a dois, e mais uma ou outra foto mais “artística” de Carlos, asseguravam-na de que estava constantemente no seu pensamento.

Na subida até ao apartamento trocaram beijos e carícias apaixonadas, sem pensarem exatamente onde estavam. Joana cambaleou no salto final do elevador que anunciava a chegada ao 9º andar e agarrou-se ao braço do Carlos, numa tentativa de não cair.

“Acho que aquele vinho me subiu à cabeça” – disse, a rir, enquanto tentava desembaraçar-se de Carlos, para chegar às chaves que tinha na sua mala.

“Acho que sim” – respondeu-lhe Carlos, enquanto a olhava de alto a baixo. Agarrou-a pela cintura, puxou-a para si e deu-lhe um beijo no pescoço, enquanto abriam a porta do apartamento.

Joana semicerrou os olhos ao acender da luz, atirou com ligeireza a mala para cima do aparador que caiu com estrondo no chão, ao falhar o alvo. Encolheu os ombros, descalçou os saltos altos com um subtil abanar do pé, o que a desequilibrou, novamente. Carlos amparou-a num abraço e segredou-lhe algo ao ouvido. Joana sorriu, enquanto se afastava em direção corredor:

“Vou tomar um banho” – anunciou, e saiu em direção à casa de banho, enquanto tentava despír a roupa pelo caminho. Carlos seguiu-a e ajudou-a a deslizar o fecho do vestido preto e justo que Joana tinha elegido para a noite. Ela sabia que era uns dos seus favoritos pela forma como acentuava as suas curvas. Ele ficou feliz com a escolha da namorada.

Entraram na casa de banho, os dois. Joana saiu por instantes para ir à cozinha. Carlos aproveitou para colocar a água a correr, enquanto tirava a sua roupa. Ouvia o bater das portas dos armários; Joana procurava algo. Voltou, mais segura de si:

“Fui tomar um comprimido. Já está.” – olhou-o com carinho e decidiu-se a limpar a maquilhagem rapidamente, antes de entrar no banho.

“Vamos tomar banho os dois?” – sugeriu-lhe Carlos.

Joana riu-se da sugestão, entrou na cabine de duche e regulou a água, novamente, para o quente.

“Mas eu não vou lavar o cabelo! Não o quero molhar. É só mesmo “refrescar-me” a ver se “isto” passa.”

“Só se for para tirar a pele, de fresco!” – Carlos entrou na cabine de duche a tentar evitar os salpicos da água quente que lhe queimavam os pés. Joana aproveitou que ele se encolheu, e saiu logo em seguida.

“Não fiques aí uma eternidade, como gostas de fazer.” – e saiu para o quarto, envolta na sua toalha, com um ar zangado, enquanto Carlos regulava a água para o frio e se enfiava debaixo dos jatos de água. Ele gostava daquela rabugice da Joana, tinha sido uma das características que o tinham apaixonado mais. Havia uma certa luta naquele feitio que lhe dava “pica”, que o desafiava.

“Tens a certeza de que não queres voltar para aqui?” – elevou a voz, para que ela o ouvisse. Joana assomou-se à porta, já de pijama. Carlos olhou-a desapontado, mas insistiu:

“Olha que se está bem!” – e bamboleava-se para ela, que ria das suas figuras propositadamente ridículas.

“O que tu queres sei eu! Espero por ti na cama. Já é tarde.”

Joana dirigiu-se para o quarto, abriu a cama, colocou o creme de rosto, atou o longo cabelo no topo da cabeça e deitou-se, confortavelmente.

Carlos surgiu nu e atirou-se para a cama, em voo, e aterrou ao lado dela. Olhou-a longamente:

“Sabes que te amo. Nunca me imaginei assim, com alguém, como tu. Acho que me saiu a sorte grande e a terminação.”

Joana sorriu e beijou-o nos lábios. Carlos aproximou-se mais, coleando os seus corpos, pressionando-se contra ela, beijando-a com mais intensidade. Joana beijou-o no rosto, dirigiu-o até ao seu pescoço, enquanto lhe beijava o dele:

“Dói-me ligeiramente a cabeça. Acho que o vinho era muito forte. Não sei como é que tu não estás cheio de sono. O vinho tinto costuma ter esse efeito em ti.”

“Queres que te faça uma massagem?” – sem lhe dar tempo de resposta, virou-a e levantou-lhe a camisola do pijama, massajando-lhe as costas, as nádegas e as coxas.

Joana deixou-se estar naquela posição, sem falar, de olhos fechados. Carlos foi buscar um creme de massagem, mandou-a despir-se, ao que ela acedeu, e deu continuidade aos movimentos circulares pelo corpo todo.

Voltou às costas, onde se demorou, enquanto lhe dava beijos suaves no pescoço. Insistiu nos lombares, desceu novamente até às coxas e procurou tocar-lhe suavemente enquanto a massajava. Joana riu-se aos primeiros toques mais atrevidos, deu a volta debaixo de Carlos e ficou voltada para cima. Pegou no telemóvel que repousava em cima da mesa de cabeceira:

“Que horas são isto? Carlos, é tardíssimo! Disse-te que amanhã tenho a reunião com os clientes, logo às 09h00? Tenho de chegar ao escritório antes dessa hora, para colocar as ideias em ordem. Já viste se perco o negócio por isto?”

“Se queres ir dormir...” - diz-lhe Carlos, enquanto continua a acariciá-la, arrancando-lhe um suspiro. “Olha que isto até ajuda na dor de cabeça, a pensar melhor... É só um bocadinho...”

Carlos beija-a e Joana corresponde, apaixonadamente, enquanto procura uma posição mais confortável. Afasta-o ligeiramente, levanta-se e vai à cozinha. Volta com um copo de água na mão, que bebe quase de seguida.

“Anda cá, amor.” – Carlos chama-a, com desejo na voz. Joana volta a deitar-se, junto ao namorado, que a recebe num abraço e rapidamente progride para algo mais. Joana suspira de prazer.

(...)

São 1h15 da manhã. Joana observa o corpo adormecido que está ao seu lado. A respiração denuncia o sono profundo. Ela levanta-se, veste o seu pijama e procura o seu tablet na mesa de cabeceira. Já que está acordada, então, bem que pode começar a preparar a reunião da manhã.

Fim.

Após a leitura da história:

Alguma vez leu esta história? [Sim / Não]

Se sim, há quanto tempo a leu?

Se sim, em que circunstância a leu?

Considera que o conteúdo da história lhe é familiar? [Sim / Não]

Pensa que a história pode ser verdadeira ou inspirada em factos reais? [Sim / Não]

Identifica-se com alguma das personagens da história, por terem episódios semelhantes na sua vida? [Sim / Não]

Se sim, com quem se identifica?

Agora, iremos realizar algumas questões sobre a história que leu. Aqui está uma cópia das questões, que poderá ler à medida que lhas for colocando. Para a generalidade das questões não há uma resposta certa e as questões podem ser respondidas com respostas curtas.

1. Em poucas frases, como sumaria a história?

Deve recordar que para a generalidade das questões não há uma resposta certa ou errada. As questões podem ser respondidas com respostas curtas.

Se a questão se adequar a isso, também estamos interessados nos pensamentos, sentimentos e intenções das personagens.

2. Porque é que Carlos e Joana vão jantar fora?
3. O que sugere à Joana de que o Carlos está sempre a pensar nela?
4. Como é que Joana se estava a sentir quando chegou a casa?
5. Porque é que a Joana toma o comprimido?
6. Porque é que o Carlos olha desapontado para a Joana?
7. Porque é que Joana diz, "Mas eu não vou lavar o cabelo! Não o quero molhar."?
8. Porque é que o Carlos sugere fazer uma massagem a Joana?
9. Porque é que a Joana vai buscar um copo de água?
10. O que acontece depois de Carlos dizer "Anda cá, amor"?
11. Como é que o Carlos está no fim da história?
12. Como é que a Joana se sente no fim da história?

Anexo F

Manipulation Check e Debriefing

(Manipulation Check) Ativação Sexual

1) O áudio que escutei pode ser considerado sexualmente estimulante

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2) As outras pessoas ficarão sexualmente estimuladas pelo áudio

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3) O áudio estimulou-me sexualmente

Discordo totalmente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Debriefing

O estudo em que participou teve como objetivo compreender se a Ativação Sexual influencia na capacidade dos sujeitos de identificar situações de Coerção Sexual Subtilis. Para tanto, o estudo utilizou um áudio para tentar manipular a Ativação Sexual e, a seguir, foi testada a capacidade de compreender as situações de coerção, através de uma história.

A hipótese do estudo é que, em condição de ativação sexual, há uma maior dificuldade na leitura e na interpretação dos desejos do outro, favorecendo assim a persistência de comportamentos coercivos subteis.

A participação neste estudo é voluntária e os resultados são completamente anónimos e confidenciais e serão utilizados apenas com um fim científico.

Ressaltamos novamente que, caso não deseje que os seus resultados sejam utilizados por este estudo, possui todo o direito de abandonar a investigação, em qualquer altura que desejar.

Para mais informações, pode contactar os responsáveis pelo estudo através dos seguintes e-mails: a62852@ualg.pt (Beatriz Vicente da Silva) ou asgomes@ualg.pt (Professora Doutora Alexandra Gomes).